

Jacob dos Santos Biziak (Org.)

PONTES 2

*Hibridismo e educação: a língua
como mediadora*



PONTES 2

**Hidridismo e educação:
a língua como mediadora**

**Jacob dos Santos Biziak
(Organizador)**

PONTES 2

**Hidridismo e educação:
a língua como mediadora**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Jacob dos Santos Biziak [Org.]

PONTES 2. Hidridismo e educação: a língua como mediadora. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 135p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-599-8 [Digital]

1. Hibridismo. 2. Educação linguística. 3. Reflexões e discussões linguística. 4. Linguagens Híbridas e Educação. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

SUMÁRIO

- 7 **Prefácio**
Elaine Assolini
- 11 **Apresentação - Híbridismo e educação: o que é possível dizer sobre isso?**
Jacob dos Santos Biziak
- 19 **1. Conhecendo o etanol através da química orgânica**
Andrey de Campos
- 41 **2. A influência dos textos multimodais e o dialogismo da linguagem no processo de ensino aprendizagem**
Eliane Maria de Góes Alves
- 51 **3. Uma proposta de condição de leitura: utilizando poemas de cordel nas aulas de línguas portuguesa**
Gisele Aparecida da Rocha
- 59 **4. Texto e tabuada**
Ilda Aparecida Müller
- 75 **5. Propaganda e discurso**
Jussiani Marquezotti Ramos
- 89 **6. Cultura indígena**
Mônica Sepanski Garcia

7. Análise do curta-metragem <i>Vida Maria</i>	103
Patricia Estephane	
8. O racismo e seus ecos na atualidade	113
Rubia Karla Sabei	
 Posfácio	131
Giane Fregolente	
Sobre as autoras e os autores	133

PREFÁCIO

Partindo do pressuposto segundo o qual "não há alguns sujeitos ou sentidos híbridos, todos o são", Jacob Biziak, professor, educador, pesquisador, analista de discurso, autor de inúmeros artigos e livros, e organizador deste, partilha conosco não apenas questões contemporâneas relacionadas à educação, à escola, ao sujeito, às desigualdades, às diferenças, ao que vem sendo entendido como híbrido, como também inúmeros produtos educacionais, elaborados por estudantes de curso *Lato-Sensu, Linguagens Híbridas e Educação*, do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas.

Ao pensar a escola enquanto instituição, e, portanto, enquanto Aparelho Ideológico de Estado, o estudioso Jacob Biziak nos instiga a problematizar as formas de reprodução que ela nos impõe, não reconhecendo a singularidade do sujeito, por exemplo, ou, ainda, suas potencialidades para discutir o mundo e os fenômenos que o cercam. Esse complexo Aparelho Ideológico do Estado, AIE, a escola, parece insistir na construção do fracasso escolar e na produção de mentes resignadas e passivas diante de desigualdades, violências e formas de exclusão. O silenciamento de estudantes, que, raramente, têm oportunidades de atribuir sentidos, estranhá-los e confrontá-los é outra forma de a escola ignorar e expulsar aqueles pelos quais deveria ser responsável: os estudantes.

Biziak (2021) inquieta-se, incomoda-se com essas práticas, convocando os estudantes a ressignificá-las, o que se reflete em diferentes produtos, como os formulados pelas estudantes Jussiani Marquezzotti Ramos e Patrícia Estephane, que nos presenteiam com suas *análises discursivas de propagandas de medicamentos* e do curta-metragem *Vida Maria*, respectivamente.

A ancoragem teórica do organizador, Biziak, fundamentada em pesquisadores como Jacques Ranciere, Judith Butlher, Michel Pêcheux, Mikhail Bakhtin, Lucia Santaella, Demerval Saviani,

dentre outros, repercute positiva e significativamente nas formulações inéditas dos pós-graduandos, caracterizadas pela preocupação com um ensino inclusivo, aulas dinâmicas, prazerosas, conteúdos que consideram o interdiscurso, a memória discursiva e as posições que podem ser ocupadas pelos alunos. As bases teóricas nas quais os cursistas se apoiam, bem com as análises discursivas por eles realizadas contribuem para o entendimento segundo o qual a escola, ao mesmo tempo em que reproduz a lógica dominante do capital, é capaz de abrir-se para o desenvolvimento de habilidades, competências, saberes, práticas, fazeres, formas de conhecimento capazes de promover a transformação social.

Nesse sentido, os pós-graduandos, ao demonstrarem saber que o trabalho docente é caracterizado pela intencionalidade, e que a educação é uma prática, oferecem-nos produtos importantes para o ensino atual, como é o caso das contribuições de Eliane Maria de Goes Alves, e o seu trabalho *A influência dos textos multimodais e o dialogismo no processo ensino-aprendizagem*, Gisele Aparecida da Rocha e sua formulação *Uma proposta de condição de leitura: utilizando poemas de cordel nas aulas de língua portuguesa* e Ilda Müller com o seu *Texto e Tabuada*.

Uma das riquezas deste trabalho consiste no entendimento de que a aula é sempre múltipla, diversa, contraditória, em alguns casos. Como afirma Ponce (1989, p.136), "(...) a aula é uma célula que representa o todo da escola: o projeto político-pedagógico, o currículo, o projeto da área e o planejamento da disciplina". Os produtos contidos nesta publicação são caracterizados pelo entendimento de que a sala de aula pode ser um dos espaços de que o professor dispõe para enfrentar as desigualdades sociais e as consequências educacionais que ela traz. O caráter político da aula está na materializado nos fundamentos teóricos, nas análises discursivas realizadas e nas brilhantes propostas apresentadas, como as de Andrey de Campos e sua produção *Conhecendo o etanol através da química*, e de Rubia Carla Sabei com *O racismo e seus ecos na atualidade*.

Outra riqueza diz respeito à autoria dos produtos. Sabemos que ocupar o lugar de autor de seu próprio dizer não é tarefa fácil,

pois exige que o sujeito consiga olhar a sua produção a partir de um olhar de fora, um olhar exterior, por assim dizer. Além disso, coesão, coerência, controle da dispersão e da deriva são elementos a serem muito bem cuidados, a fim de que a autoria possa ser instaurada. E todos os participantes ocupam este lugar: o de autor, conferindo tanto ao curso por eles realizado, quanto a este livro um caráter de um caráter diferenciado, no sentido de que a criticidade, a preocupação com professores que enfrentam o "chão da escola" e os seus desafios, e uma sociedade ainda marcada por desigualdades e indiferença àqueles que mais necessitam do estado. O trabalho de Monica Sepanski Garcia, *Cultura Indígena*, materializa e ilustra nossa argumentação.

O leitor irá perceber que os produtos educacionais aqui expostos são decorrentes de posicionamentos, olhares e interpretações que se contrapõem ao excesso de retóricas políticas e educacionais, confrontando o entendimento comum de ensino híbrido, de escola, saberes e fazeres pedagógicos. Este livro vai além do que foi denominado pelo educador português António Nóvoa (1999) "excesso de discursos", brindando-nos com fartura de práticas pedagógicas, fundamentadas nas teorias discursivas.

Desejo que esta obra contribua com reflexões e discussões densas, respondendo a alguns dos desafios postos pela sociedade do conhecimento na contemporaneidade, repleta de sentidos, cuja constituição e circulação afetam a relação do homem com a sociedade, com a natureza e a história.

Prof.^a Dr.^a Filomena Elaine P. Assolini
Docente – FFCLRP-USP

APRESENTAÇÃO

HIBRIDISMO E EDUCAÇÃO: O QUE É POSSÍVEL DIZER SOBRE ISSO?

Violetas

*Porque em nosso mundo
alguma coisa sempre escondida,
pequena e branca,
pequena e o que chamas
pura, não lamentamos
como lamentas, caro
mestre sofredor; tu
não está mais perdido
do que nós, sob
o pilriteiro, o pilriteiro que sustenta
harmônicas bandejas de pérolas: o que
te trouxe entre nós
que te ensinaríamos, embora
ajoelhes e chores,
juntando tuas grandes mãos,
em toda a tua grandeza nada
sabendo da natureza da alma,
que nunca há de morrer: pobre deus triste,
ou nunca tiveste uma
ou nunca perdeste uma.
(Louise Glück)¹*

Este ensaio foi nomeado com uma pergunta. A partir dela, pretendo pensar algumas questões que me parecem fundamentais

¹ Tradução presente em: <https://www.revistabula.com/36286-4-poemas-de-louise-gluck-a-premio-nobel-de-literatura-de-2020/> (acesso em 10 de setembro de 2021).

à construção de leituras para esta coletânea de textos. De início, cito Rancière:

É através da existência desta parte dos sem parte, desse nada que é tudo, que a comunidade existe como comunidade política, quer dizer, dividida por um litígio fundamental, por um litígio que se refere à conta de suas partes, antes inclusive de referir-se aos seus 'direitos'. O povo não é uma classe dentre outras. É a classe da distorção que pré-concebe a comunidade e a institui como comunidade do justo e do injusto. (Rancière, 2009, p. 23)

Para o autor, o político coloca-se para além das instituições. Trata-se de uma divisão que fundamenta a própria existência e a percepção de que haja uma sociedade. É a divisão e não a homogeneidade que, esteticamente, dá o social como legível. Caso tudo fosse uma continuidade e uma homogeneidade sem fins, a leitura e a interpretação se colocariam, muito possivelmente, como impossibilidades. Se não há diferenças, não há o que se ler.

Dessa forma, com Rancière (2007), compreendo que os efeitos de sentido para o social desdobram-se, deslizam e entram em conflito. Esse próprio movimento, entre alianças e embates de sentidos, é o político. Defender este só é possível ao tomarmos o social não como o espaço para diferenças, mas como constituído por elas, gerando o dissenso como funcionamento das significações. Logo, só é possível falar em político em uma sociedade na qual as diferenças são estruturantes. Além disso, no caso do capitalismo neoliberal, não raro, as diferenças aliam-se às desigualdades, de forma que uma passa a intervir no processo de significação da outra. Sendo assim, diferenças deslocam-se, nas diversas formações discursivas, significando-se como desigualdade, injustiça, ausência de direitos básicos em relação ao Estado que nos convoca à identificação e nos assujeita.

Com isso, o político, conforme proposto por Rancière (2007), inicialmente, não deve ser tomado como a “luta de classes”, mas como condição de existência das sociedades. As relações de

diferenças seriam, fundamentalmente, condições para os efeitos de sentidos emergirem. No entanto, o funcionamento do Estado capitalista e neoliberal não só aprofundou como também produziu novas formas de desigualdades. Sendo assim, nessas condições de produção, torna-se mais possível (mas sempre discutível) a associação entre “ser diferente” e “ser uma vida precária”, conforme Judith Butler (2015) toma tal conceito.

A luta de ricos e pobres não é a realidade social com a qual deveria contar a política. Não constitui senão uma unidade com sua instituição. Há política quando há uma parte dos que não tem parte, uma parte ou um partido dos pobres. Não há política simplesmente porque os pobres se oponham aos ricos. Antes disso, há que dizer sem dúvidas que é a política - isto é, a interrupção dos meros efeitos da dominação dos ricos - a que faz existir os pobres como entidade. A pretensão exorbitante do demos a ser o todo da comunidade, não faz mais que realizar a sua maneira - a de um partido - a condição da política. A política existe quando a ordem natural da dominação é interrompida pela instituição de uma parte dos que não tem parte. Esta instituição é o todo da política como forma específica de vínculo. A mesma define o comum da comunidade como comunidade política, quer dizer, dividida, fundada sobre uma distorção que escapa à aritmética dos intercâmbios e das reparações. À margem desta instituição, não há política. Não há mais que a ordem da dominação ou a desordem da revolta. (Rancière, 2010)

Há algo fundamental a se ressaltar aqui. Na relação com o Estado, os sujeitos são convocados a uma identificação com “ser cidadão” (LAGAZZI, 1988), cuja possibilidade de homogeneidade é impossível, dado que o social se constitui pela via do “sempre poder ser outro”. Os sentidos são instáveis, atravessados pelas falhas do simbólico e pelos equívocos da história (ORLANDI, 1994). Só se é cidadão mediante condições de produção muito específicas. Para além disso, justamente por considerarmos as condições de produção capitalistas e neoliberais, “diferença” desliza, dança, rodopia, flerta e muitas vezes não se separa de

“desigualdade”. No entanto, ser diferente não opera necessariamente como paráfrase para desigualdade, injustiça, a não ser em condições que possibilitem isso mediante a determinados mecanismos de subjetivação. Assim, ser diferente descamba para algo pejorativo, discriminatório, dado que, em condições sociais específicas, soa como efeito assimilável a ser subalterno, frágil, vulnerável, precário, injustiçado, abjeto.

Essa reflexão inicial, a meu ver, implica em uma necessidade de destacar de que perspectiva tomamos as práticas pedagógicas. As instituições educacionais (as quais não se limitam a “escola”) não são imunes ou indiferentes ao processo descrito, se não efeitos dele também. O aparelho educacional não funciona de maneira autônoma ou isolada do funcionamento do Estado e das diferenças ratificadas não só pela economia, mas também pelo jurídico². Levando em conta uma base epistemológica comum possível a parte do corte epistemológico operado por Karl Marx, acredito em uma ponte com Dermeval Saviani:

Enquanto as teorias não-críticas pretendem ingenuamente resolver o problema da marginalidade por meio da escola, sem jamais conseguir êxito, as teorias crítico-reprodutivistas explicam a razão do suposto fracasso. Fracasso que é, na verdade, o êxito da escola, aquilo que se julga ser uma disfunção é antes, a função própria da escola. Com efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção, a escola na sociedade capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador. (SAVIANI, 2008, p. 24)

Assumir uma posição crítica em relação ao funcionamento dos aparelhos escolares possibilita uma compreensão destes não como equalizadores de desigualdades, mas como dispositivos que contribuem para a associação sinonímica (equivocada e falhada) entre diferença e desigualdade. Com isso, os espaços de educação, estando dentro e não fora do Estado capitalista e neoliberal,

² Sobre isso, ver Pachukanis (2017), Polantzas (2019), Althusser (1992) e Mascaro (2013).

também atuam nos trabalhos de subjetivação e identificação a partir das condições em que estão inseridos. Considerar isso, antes de tudo, não é tomar um niilismo qualquer como postura, mas pensar criticamente sobre quais bases e sob qual possibilidade de constituição “ensino” se faz legível e existente. Tanto que não são incomuns propagandas de escolas que reforçam e atualizam pública e claramente tais discursos: “primeiro lugar no ENEM”, “recordes de alunos aprovados em universidades públicas”. Enquanto isso, no social, circulam também e paradoxalmente: “escolas públicas batem novo recorde de mau desempenho no ENEM”. Isso ocorre porque há diferentes espaços escolares para a constituição de diferentes sujeitos, de forma que alguns significarão também como “excluídos”/“desiguais”, por exemplo.

A partir de tal funcionamento, conseguimos compreender por que há diferentes propostas curriculares que são seguidas/aceitas/rejeitas de forma não isonômica. Por um lado, isso seria impossível, dado a diferença ser condição do social e do político. Por outro lado, isso é sequestrado e posto em funcionamento para reforçar práticas discriminatórias (e predatórias, enfatizando e aprofundando o caráter precário dos viventes) de agenciamento dos sujeitos. Logo, constitutivamente, os sujeitos não se possibilitam simetricamente uns em relação aos outros. Mas, além disso, isso é tomado como reforço de desigualdades e exploração; recalçamento das diferenças constitutivas (ou seja, contraditoriamente, somente alguns sujeitos serão lidos hegemonicamente como “diferentes”).

A partir desse preâmbulo, retomo a pergunta inicial: “hibridismo e educação, o que é possível dizer sobre isso?”. Hibridismo, penso eu, seria condição para constituição, formulação e circulação (ORLANDI, 1994) de enunciados e formas de subjetivação. Não há alguns sujeitos ou sentidos híbridos, todos o são. Como o trabalho de compreensão e leitura depende de condições de produção, é possível que sujeitos e sentidos possam vir a ser outros. Inclusive, isso é recalcado para que, vez ou outra, alguma possibilidade do legível se faça emergir (PÊCHEUX, 2009). No entanto, híbridos que somos, ainda assim, nem todos serão significados dessa forma nas práticas de interpretação

divididas pelo/no social. Alguns serão “mais híbridos que outros”, mais desiguais do que outros. Logo, hibridismo, diferenças e desigualdades são articulados de maneiras diversas nos vários lugares de enunciação permitidos e franqueados pelas condições de produção capitalistas e neoliberais. A questão, assim, é que as instituições escolares não estão imunes a isso, mas existem a partir e por conta disso no contemporâneo. Isso deve nos fundamentar e preocupar.

A preocupação deve acontecer não enquanto desresponsabilização docente ou desencanto; mas, sim, como busca por formação e práticas capazes de trabalhar não só mudanças, mas, antes de tudo, a capacidade de o aluno identificar-se enquanto sujeito, logo como afetado e efeito de hibridismo, combatendo-se essencialismos e metafísicas. Além disso, tal funcionamento deve ser compreendido, fundamentalmente, a partir do funcionamento da língua e das linguagens: se o sentido pode ser sempre outro, se toda formulação é constituída por algo que a antecede, o aluno precisa ter condições de ler isso. Assim, criam-se condições para a intervenção crítica nas diferenças constitutivas dos reais: por exemplo, questionando como um determinado sentido passou a ser aceito como hegemônico e que efeitos isso produz. Dessa forma, se “ser híbrido/diferente” pode ser deslocado para ser associado a “desigual”, pode deslocar-se também para outras paragens: hibridismo como constitutivo, consciência de classe e condição para intervir nas realidades. É nesse sentido que o currículo deve ser trabalhado com vistas a uma apropriação não só de formas de “saber”, mas da compreensão de que elas criam e perturbam processos de subjetivação e de leitura “de mundo”.

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí

que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso conhecer também a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia). (SAVIANI, 2013, p. 14)

Tendo isso em vista, parto do princípio fundamental de que os diversos componentes curriculares podem/devem trabalhar seus conteúdos a partir de uma consciência crítica sobre o funcionamento da língua na divisão política do real. Por isso, proponho que toda prática curricular das disciplinas, partindo de uma concepção crítica e discursiva (e não essencializada) de língua, tem mais condições de problematizar a atuação dos conteúdos no trabalho de compreensão dos/com os estudantes sobre o que vem a ser “uma realidade”, “um sujeito”, “uma vida” e assim por diante. Aproximar o conteúdo curricular da realidade no aluno não é o mesmo (e nem pode ser) que limitar o acesso ao saber em função do que se espera que cada um deve utilizar em seu suposto cotidiano. Diferentemente, significa trazer o aluno à, por meio do desenvolvimento da capacidade de compreensão por meio de conteúdos historicamente construídos e selecionados, condição de compreender todos os viventes como híbridos e como o social está organizado e funciona no batimento entre velar e desvelar esta constituição. Talvez, assim, estejamos mais distantes de um humanismo que toma frequentemente o aparelho escolar nas maneiras como os enunciados dele e sobre ele circulam socialmente.

Nesse sentido, neste volume, estão alguns dos escritos desenvolvidos por estudantes do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* Linguagens Híbridas e Educação, do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas. Os autores debruçaram-se sobre as questões que levantei anteriormente e tentaram elaborar produtos educacionais que trouxessem uma reflexão crítica e discursiva sobre a língua como fundamento para o trabalho com conteúdos e componentes curriculares (assim como níveis de ensino) vários. É a partir das chaves de leitura elencados nesta apresentação que tais

propostas devem ser lidas; afinal, buscar ser respostas às inquietações provocadas pela pergunta que deu origem a este brevíssimo e pequeno ensaio. Ainda assim, não se engane, o melhor está por vir e espera por nós nas próximas páginas.

Por último, vale lembrar que este livro foi composto ao longo do ano de 2021, em que o Brasil vive desdobramentos sombrios e delirantes da pandemia de Coronavírus, vivendo mais de 600 mil mortos. Em meio a isso, repensem (im)possibilidades da educação.

Boa leitura!

Prof. Dr. Jacob dos Santos Biziak
Setembro de 2021

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

MASCARO, Alysson Leandro. *Estado e Forma Política*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução Eni P. de Orlandi *et alii*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. Em *Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PACHUKANIS, Evgeni. *Teoria Geral do Direito e Marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. Campinas, Editora Unicamp, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do Sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009.

_____. *El desacuerdo: Política y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

CONHECENDO O ETANOL ATRAVÉS DA QUÍMICA ORGÂNICA

Andrey de Campos

Introdução

Ao longo do tempo a sociedade vem sofrendo diversas mudanças, inclusive no que tange sua própria construção e no conhecimento que é produzido pelo homem. O atual modo de vida possui muitas influências que foram adquiridas ao longo do tempo provenientes dos muitos sistemas econômicos e sociais da humanidade (RODRIGUES; SCHNORR, 2018)

Para Chassot (2008), durante a história pedagógica tem se observado cada vez mais, uma forte tendência de se trazer os fatores cotidianos para a sala de aula, considerando a realidade e contexto dos alunos para desenvolvimento dos conteúdos escolares, juntamente com uma valorização do saber prévio no processo de mediação do saber científico.

Conforme Rodrigues e Schnorr (2019), “um dos pressupostos básicos da Ciência é que, sendo o mundo entendido pelo uso da razão e por meio do método científico, pode-se produzir novos conhecimentos, bem como corrigir e integrar os que já existem”. Desta forma, existe uma forte tendência de exploração contínua dos recursos naturais utilizando-se como justificativa que em nenhum outro momento da história houve uma expectativa de vida tão alta com tantas oportunidades.

Desta maneira, observando-se ciência em uma perspectiva pós estruturalista, ela pode acabar dando respaldo para muitas ações em virtude do viés econômico, utilizando-se de conceitos dúbios

para manutenção de suas posições. Conforme destacam Rodrigues e Schnorr (2019, p. 52):

A tendência do conhecimento científico é ser conduzido a partir de uma via única, de algo já instituído, ancorado em regras moldadas e organizações, com formas imutáveis que sustentam o método e as explicações. Tal qual a rotulação de científico é dada às práticas e pesquisas publicadas, em um formato específico, em revistas destinadas para este fim, que carregam um status de legitimadora e sancionadora de o que é considerado ou não Ciência.

Atualmente existe um discurso muito consistente de que o Etanol é um combustível sustentável, que ocorre com produção e tecnologia nacionais, sendo um combustível renovável e menos poluente devido ao uso da cana-de-açúcar (ANDRADE; CARVALHO, 2002). Porém são totalmente desconsiderados outros fatores relacionados a produção de álcool, dentre eles, podemos citar o desmatamento gerado pelo aumento das áreas de plantio da cana, problemas no solo devido a monocultura, condições e relações trabalhistas, queima das plantações antes da colheita.

O etanol ou álcool, como é popularmente conhecido, é um composto orgânico oxigenado, que por sua larga utilização no cotidiano social pode ser considerado o mais “famoso” dentro de sua classificação. Justamente por ser amplamente utilizado, principalmente como combustível, surgem na sociedade muitos conhecimentos e abordagens empíricos a respeito do tema, o que não necessariamente é ruim, saber a fórmula do etanol é tão importante quanto saber suas aplicações práticas, porém o empirismo pode levar a uma divergência do conhecimento científico.

Ao escutar pessoas conversando sobre o tema, fica explícito que o conteúdo desenvolvido em sala de aula através das fórmulas e moléculas não vai ao encontro com o cotidiano dos jovens. Através desta simples observação fica evidenciado o que descreve Soares (1998, p. 39,40 *apud* Bizziak; Paz, 2020, p. 351):

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Podemos considerar então que o estudo, classificação e nomenclatura desenvolvidos em sala de aula, só vão ter uma importância significativa para o aluno quando ele conseguir compreender, discutir, opinar, debater de forma coesa sobre o tema. De nada adianta o aluno saber que o etanol possui dois átomos de carbono, um de oxigênio e hidrogênios, se ele não compreender a implicação prática disso: quando e por que ele ou seus familiares devem abastecer seus veículos com etanol ou gasolina, se isso de fato é benéfico ao meio ambiente ou apenas um discurso usual, entender seu processo de produção e consumo de uma forma sistêmica, relacionar as equações vistas em salas de aula com as palavras do cotidiano, para que possa discutir e opinar de forma coesa buscando o seu letramento.

Desta maneira, esta sequência didática foi desenvolvida de forma a propiciar ao professor uma abordagem híbrida da química, alternando entre metodologias expositivas, práticas, pesquisas em grupo, momentos de apresentação e discussão. Cabe ressaltar que é de extrema importância que o professor conduza suas aulas de forma a propiciar e estimular a argumentação dos seus alunos, principalmente para que sejam esclarecidas dúvidas e questionamentos do cotidiano, proporcionando aos jovens assimilação do conteúdo programático de química orgânica, leitura de informações pertinentes ao tema, visualização dos processos químicos e físicos teóricos e práticos e sobretudo proporcionar uma reflexão sobre a química em sua vida, onde ele consiga questionar, explicar e aplicar o aprendido, auxiliando em seu raciocínio e tomada de decisões no decorrer de sua vida.

Plano de aula

1. Identificação

Professor: Andrey de Campos

Componente curricular: Química

Turma: 3º ano– segundo bimestre

2. Objetivos

- Desenvolver o conteúdo de química orgânica, com foco na função orgânica álcool.
- Aproximar os alunos de temas químicos relevantes a sociedade através do estudo e discussão em sala de aula.
- Abordar a relevância econômica e ambiental do uso do álcool como combustível.

3. Tempo provável

A sequencia didática deve ser desenvolvida em 5 horas aula de 50 minutos

4. Conteúdos

- Definição
 - Nomenclatura dos álcoois
- Classificação de cadeias carbônicas e funções oxigenadas
- Produção de Etanol
- Presença de álcoois em nossa vida

5. Metodologia

Aula 1- Análise de conhecimento prévio, introdução ao conteúdo e revisão de hidrocarbonetos.

O professor fará a análise de conhecimento prévio dos alunos, questionado sobre a definição de álcoois verificando o entendimento que os mesmos têm sobre o tema. Essa abordagem poderá ser feita de forma verbal, porém se não houver participação

massiva dos alunos e a discussão não fluir, deverá ser passado um questionário para que o reconhecimento seja de forma mais efetiva. Perguntas a serem consideradas:

1 - O que são álcoois defina com suas palavras.

2 - Além do álcool etílico (etanol) qual outro álcool você conhece?

3 - Qual a função do álcool para sociedade?

O professor deverá levar em consideração as respostas obtidas de forma oral, ou escrita pelos alunos para desenvolver o conteúdo da aula 2, as exposições poderão ser úteis para determinar possíveis erros de assimilação, conhecimentos populares e/ou empíricos que devem ser esclarecidos com o início do conteúdo programático.

Após a discussão, trabalhar de forma expositiva no quadro utilizando-se de exemplos, uma breve revisão sobre hidrocarbonetos, cadeia simples e ramificada, aberta e fechada, saturada e insaturada, para que os alunos recordem, considerando que já tiveram a introdução ao tema em bimestre anterior. Ao final da aula, deve-se iniciar introdução, ainda expositiva, sobre funções oxigenadas, dando enfoque aos álcoois, informando aos alunos que será o tema da próxima aula.

Aula 2 - Definição, nomenclatura e classificação dos álcoois.

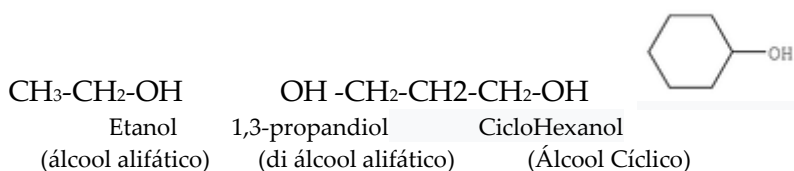
Inicia-se a aula dando continuidade ao tema das funções oxigenadas e passando o conteúdo específico para os alunos, utilizando o conteúdo do livro didático no quadro, de forma expositiva e sanando possíveis dúvidas que foram verificadas na primeira aula.

Definição de Álcoois

Álcoois são compostos orgânicos que contem um ou mais grupos hidroxila (OH^-) ligados diretamente a átomos de carbono saturados (FELTRE, 2004)

O termo álcoois se refere a uma função oxigenada, existem vários tipos e não somente o etanol (dúvida que pode ser comum entre os alunos). No dia-a-dia nos deparamos com a palavra álcool no rádio, televisão e na rua se referindo ao álcool etílico ou etanol. Porém a família dos álcoois é muito maior e englobam várias substâncias conhecidas por nós como: a glicerina dos cosméticos e sabões, alguns açúcares, a celulose das árvores e papel. (FELTRE, 2004)

A hidroxila é o grupo funcional dos álcoois, é a responsável pelas propriedades químicas desses compostos. Exemplos:

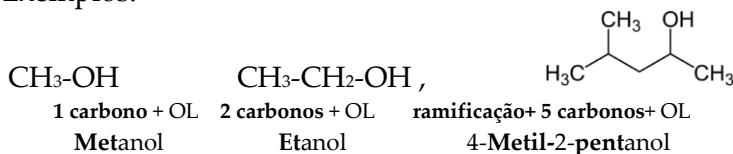


Observação: Nem todos os compostos que possuem Hidroxilas são álcoois, pois temos os enóis e fenóis, que iremos estudar posteriormente.

Nomenclatura

A nomenclatura segundo as regras da IUPAC (União internacional de química pura e aplicada) (IUPAC, 2013). Reserva para os álcoois o sufixo “OL”. A cadeia principal deve ser a mais longa contendo o carbono ligado a Hidroxila, e a numeração da cadeia carbônica deve se iniciar pelo carbono da extremidade mais próximo a função. Sendo assim, o nome do álcool será o correspondente ao da cadeia carbônica, mais o sufixo OL.

Exemplos:



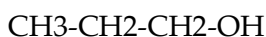
Além da nomenclatura oficial, podemos nos deparar com a nomenclatura comum:

Álcool+ nome da cadeia carbônica + ICO
 Álcool metílico, álcool etílico, álcool propílico, etc..

Classificação dos álcoois

Os álcoois podem ser classificados seguindo alguns critérios, os mais comuns são:

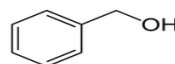
- De acordo com sua cadeia carbônica: Saturado, insaturado ou aromático.



Propanol (saturado)



But-1-en-3-ol (insaturado)



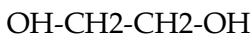
Álcool benzílico (aromático)

Lembrando que no caso dos álcoois insaturados e aromáticos, a hidroxila não deve estar ligada no carbono insaturado.

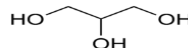
- De acordo com o número de hidroxilas: Mono álcool, di álcool, tri álcool, e assim sucessivamente:



Etanol (mono álcool)



Etileno Glicol (Di álcool)



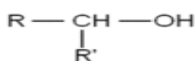
Glicerol (tri álcool)

De acordo com a posição da Hidroxila: primário, secundário e terciário:

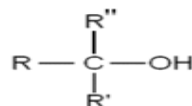
Álcool Primário



Álcool Secundário



Álcool Terciário



Ao final da aula, solicitar que os alunos formem equipes de até cinco pessoas, propor uma pesquisa sobre o tema Etanol, pedindo para os alunos buscarem informações e textos a respeito da produção, aplicação e importância do Etanol, bem como os problemas oriundos do seu processo produtivo na indústria, uso recreativo, impacto e importância econômica. A pesquisa pode considerar veículos de comunicação físicos e digitais, notícias,

curiosidades, artigos e deve ser impressa para discussão com os colegas em sala de aula

Também como tarefa para casa um questionário de 5 perguntas para fixação do conteúdo da aula. (anexo I)

Aula 3 - Aula prática: Produção de Álcool

Um dos principais métodos de produção do etanol é por meio da fermentação do melaço da cana-de-açúcar. Esse processo é realizado por micro-organismos, os mais comuns são leveduras da espécie *Saccharomyces cerevisiae*, que, quando encontram moléculas de sacarose, elaboram uma enzima chamada de *invertase*, catalisadora da reação de quebra da sacarose, transformando-o em duas outras moléculas de açúcares: glicose e frutose. Posteriormente o a levedura produz outra enzima, a *zimase*, que transforma a glicose e frutose em etanol, além de liberar também gás carbônico, o que explica a produção de bolhas durante o processo. Essa liberação também pode ser aproveitada na produção de massas através do fermento biológico, que utiliza o mesmo princípio, porém com a intenção de que o Gás carbônico liberado faça a massa crescer.

Materiais:

100 g de açúcar; 100 g de farinha de trigo; 30 g de fermento biológico; 2 colheres de chá (1 colher de chá corresponde a 2,5 mL); 2 colheres de sopa (1 colher de sopa corresponde a 10 mL); 5 copos de vidro; caneta para identificar os copos.

Procedimento Experimental:

O professor deve dividir a turma em quatro grupos para que cada equipe fique responsável por um copo. Inicialmente, misturar bem o fermento em cerca de 100 mL de água. Solicitar que os alunos

façam uma tabela com as informações de seu grupo para que no final seja compartilhado e discutido os seus resultados com os colegas.

1. Cada grupo deve colocar aproximadamente 20 mL (duas colheres de sopa) dessa solução de fermento e água em seu respectivo copo numerado;

2. O grupo um deve adicionar duas colheres de chá de farinha de trigo ao seu copo e misturar bem, agita-lo a cada dez minutos;

3. O grupo dois deve adicionar duas colheres de chá de açúcar ao seu copo e misturar bem, agita-lo a cada dez minutos;

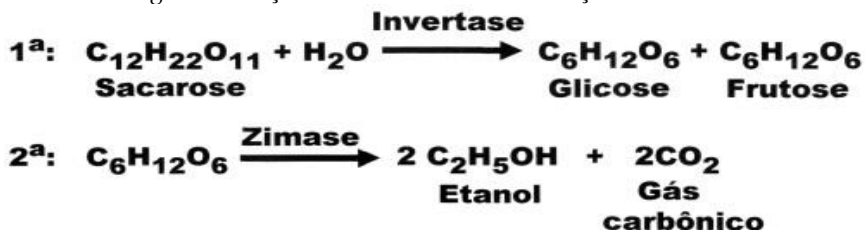
4. O grupo três deve colocar duas colheres de chá de farinha e duas colheres de chá de açúcar em seu copo e misturar bem, agita-lo a cada dez minutos;

5. O Grupo quatro deve colocar apenas a solução aquosa de fermento que foi previamente preparada e também a agita-lo a cada dez minutos.

Para todas as etapas, deve-se observar e anotar no caderno o que acontece;

Discussão com a turma

Figura 1: Reações enzimáticas na fermentação da sacarose



Fonte: Santos, 2011

Espera-se que no copo 1 a fermentação seja muito lenta, pelo fato da enzima ter mais dificuldade de quebrar o amido em glicose e frutose. Para o copo 2 a reação deve ser rápida pois contém apenas sacarose e levedura. No copo 3 a catalise deve ser moderada pois possui uma mistura de farinha e açúcar. Já no ultimo copo não deve acontecer nada, pois é necessário açúcar para desenvolver atividade biológica no fermento.

Aula 4 - Atividade experimental: teor de álcool na gasolina.

O etanol é o mais utilizado de todos os álcoois e, muito provavelmente, foi uma das primeiras substâncias orgânicas obtidas pelo homem a partir de processos de fermentação. Seu ponto de fusão é - 115°C e o de ebulição é 78,5°C, portanto é um líquido a temperatura ambiente (FOGAÇA, c2021)

Da mesma forma que ocorre com outros álcoois, essa substância também se mistura com a água, devido às interações entre as moléculas de etanol e água, através das pontes de hidrogênio. Outra característica do etanol que deve ser ressaltada é que ele apresenta uma parte apolar em sua cadeia e, por isso, também se dissolve em solventes apolares (FELTRE, 2004)

Objetivos da aula

- Quantificar o teor de álcool etílico adicionado à gasolina que consumimos em nosso dia-a-dia;

-Compreender, com base nas aulas, textos e discussões considerando os pontos de vista social e ambiental, por que o solvente adicionado à gasolina no Brasil é o álcool etílico.

Materiais

- 1 proveta de 100 mL;
- 2 provetas de 50mL;
- 50 mL da gasolina que se deseja analisar;
- 50 mL de solução saturada de cloreto de sódio (NaCl);

Procedimentos

• Na proveta de 100mL, adicione 50mL de gasolina e, em seguida, adicione 50mL da solução de cloreto de sódio;

• Com a boca tampada, misture a gasolina e a solução, mas não agite. Faça isso invertendo a proveta por 10 vezes sucessivas;

- Deixe a mistura em repouso por 15 minutos;
- Observe.

Discussão com os alunos

- Qual é a quantia, em porcentagem conforme legislação, de etanol presente na gasolina? Qual a porcentagem de etanol encontrada na amostra analisada? Está dentro dos padrões?

- Relembrar conceitos de química geral como polaridade, solubilidade e interações intermoleculares. Propiciando a discussão de como o etanol se mistura a gasolina e a água.

Aula 5 - Leitura dos textos pesquisados e roda de conversa

Para esta aula pedir aos grupos que leiam os textos pesquisados e troquem com os colegas de outros grupos. Levar textos caso algum aluno deixe de fazer a sua pesquisa (anexos II e III). Após o término da leitura, pedir para que os grupos façam um círculo e socializem com os colegas as informações obtidas através de suas leituras. Neste ponto o professor deve mediar para que a conversa flua de forma ordenada e produtiva, fazendo considerações e instigando os alunos a exporem seus pontos de vista e aprendizados com a pesquisa.

5. Recursos:

- Quadro e giz.
- Livro didático
- Aula prática.
- Questionários.
- Textos informativos.
- Pesquisa.

6. Avaliação:

A avaliação acontecerá através de todas as atividades propostas.

- Atividades para fixação do conteúdo: Terá como objetivo a verificação do entendimento dos alunos sobre o conteúdo programático, será feita através do questionário proposta, que posteriormente será corrigido e devolvido aos alunos para que

possam verificar junto ao professor possíveis dúvidas. A recuperação paralela, caso necessário, será feita com a correção pelo aluno da sua atividade, descrevendo de forma escrita as dúvidas que levaram ao erro da questão.

- Pesquisa sobre Etanol: O professor deverá avaliar os grupos pela pesquisa realizada e observar individualmente os alunos durante a exposição das ideias e realização da roda de conversa e debate.

- Participação em aula prática: Professor deverá observar os alunos que estão participando do experimento, verificar as anotações realizadas no caderno dos alunos. Para recuperação desta atividade, será solicitado um resumo escrito, que deve ser apresentado a turma sobre o tema “Por que adicionamos etanol à gasolina”.

Referências

ANDRADE, E. C. P. de; CARVALHO, L. M. de. O proálcool e algumas relações CTS concebidas por alunos de 6ª série do Ensino Fundamental. *Ciência & Educação*, v. 8, n. 2, p. 167-185, 2002.

BIZIAK, J. S. DO VALOR DA LETRA: UM ENSAIO SOBRE LETRAMENTO E IDEOLOGIA. In: Jacob dos Santos Biziak; Daiane Padula Paz. (Org.). *O que podem as licenciaturas em tempos de crise?* (im)possíveis respostas do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas.. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, v. 1, p. 347-367.

CHASSOT, A. *Sete escritos sobre educação e ciência*. São Paulo: Cortez, 2008.

FELTRE, R.. *QUÍMICA ORGÂNICA*. Volume 3. 6º edição, São Paulo, 2004.

FOGAÇA, J. *Produção de álcool em sala de aula*. Brasil Escola. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/producao-alcool-sala-aula.htm>>. Acesso em: 24 de jun. de 2021.

IUPAC. International Union of Pure and Applied Chemistry, 2013. Disponível em: <<http://www.iupac.org/home/about.html>>. acesso em 25 jun. de 2021.

RODRIGUES, C. G; SCHNORR, S. M.. Ciência, tecnologia e sociedade: ensino de Ciências no referencial pós-estruturalista. *Filosofia e Educação*. V. 9, Número 3. São Paulo, 2018.

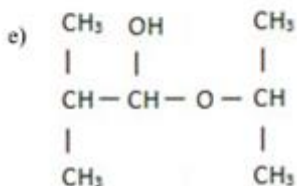
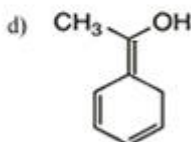
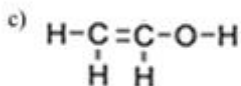
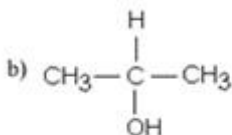
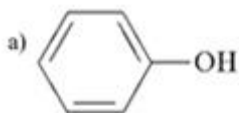
SANTOS, D.. Testes de respiração celular. Blog do Prof. Djalma Santos. 2011. Disponível em: <<https://djalmasantos.wordpress.com/2011/10/07/testes-de-respiracao-celular-33/>> acesso em: 25 jun. de 2021.

Anexo I - Questões para fixação do conteúdo

1- Escreva as fórmulas estruturais dos seguintes compostos:

- a) Alcool terciobutílico c) Ciclo Propanol
b) Metil- Propan-1-OL d) 6-metil-heptan-3-ol.

2 - Dos compostos representados abaixo, qual pertence somente ao grupo dos álcoois?



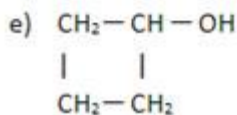
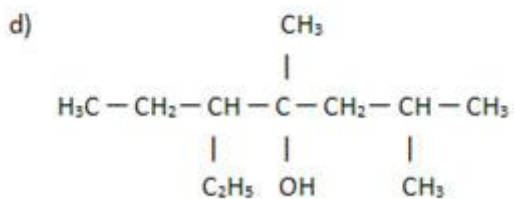
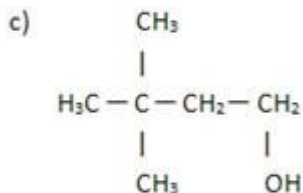
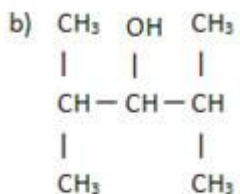
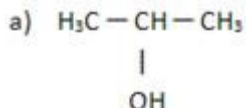
3 - (MACK-SP) Sobre o etanol, cuja fórmula estrutural é $\text{H}_3\text{C} - \text{CH}_2 - \text{OH}$, identifique a alternativa incorreta:

- a) Apresenta cadeia carbônica saturada.
b) É uma base inorgânica.
c) É solúvel em água.

d) É um monoálcool.

e) Apresenta cadeia carbônica homogênea.

4 - Classifique os compostos abaixo em álcoois primários, secundários ou terciários. Justifique:



5 - Responda:

a) O que são álcoois?

b) Como é dado o nome para um álcool, de exemplos.

c) Quais produtos você utiliza que contem álcoois?

Anexo II - Texto Informativo



A origem do etanol e seu importante papel no Brasil

Por Redação Pensamento Verde 24 de março de 2014

Embora existam registros da extração e utilização de etanol realizados em 1805, foi apenas em 1860 que o combustível passou a chamar a atenção, após o americano Nicholas Otto utilizá-lo em



experiências com motores de combustão interna. Porém, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o etanol passou a ganhar verdadeira importância internacional.

Em um cenário de conflito, o acesso ao petróleo passou a ser utilizado como estratégia. Para aumentar seus estoques, a Alemanha decretou que a gasolina no país tivesse 50% de adição de etanol em 1943. Os alemães chegaram, inclusive, a misturar o etanol ao petróleo para mover foguetes e mísseis.

Outro momento de dificuldades para o mundo ocidental, desta vez do ponto de vista econômico e político, trouxe o etanol de volta a um lugar de destaque. No início da década de 1970 a Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (OAPEC) decretou um embargo de fornecimento de petróleo que provocou uma crise de abastecimento aos Estados Unidos e aliados, Europa Ocidental e Japão. Ficou mais do que evidente a necessidade do investimento em combustíveis alternativos para mover não apenas

os automóveis como as indústrias. O etanol passou, então, a merecer uma importância econômica significativa.

No Brasil, o combustível extraído da cana de açúcar já havia sido produzido desde a década de 1920, mas apenas 11 anos depois passou a ser misturado à gasolina. Em outro reflexo direto da crise gerada pela OAPEC, o etanol contou com maior incentivo no país através do programa Pró-álcool. Criado em 1975, o programa tinha como intenção promover a independência energética brasileira e, também, desenvolver uma indústria de carros que fossem movidos apenas a álcool.

Atualmente, o Brasil é o maior produtor de etanol de cana de açúcar do mundo e o segundo maior produtor mundial, perdendo apenas para os Estados Unidos (que produzem o combustível a partir do milho). Toda a gasolina vendida no país conta com 25% do biocombustível em sua formulação. Considerado melhor para o meio ambiente, já está atestado que esta mescla é benéfica para a diminuição de gases do efeito estufa por veículos automotores. Os chamados veículos Flex, que funcionam a álcool e também a gasolina, são outros impulsionadores do mercado interno do biocombustível.



O Brasil também se destaca no desenvolvimento de tecnologias para a extração de etanol e, a partir de 2014, passará a produzir o chamado etanol de segunda

geração – que transforma a celulose em glicose e aproveita a palha e o bagaço da cana, atualmente descartados, no processo de produção. Espera-se que assim o etanol brasileiro ganhe ainda mais mercado, marcando sua presença, sobretudo nos países em que há incentivo para a utilização de combustíveis renováveis.

DIÁRIO DO TRANSPORTE



O Etanol pode prejudicar o Meio Ambiente?

Publicado em: 19 de junho de 2017

Quando o Pró-Álcool ou Programa Nacional do Álcool foi criado em 14 de novembro 1975, pelo decreto nº 76.593, o principal objetivo era reduzir a dependência do Brasil em relação ao petróleo, em especial após a crise internacional deste tipo de combustível, que começou em 1973 e se tornou ainda mais grave em 1979.

Foram vários modelos de carros que começaram a surgir a partir dos incentivos dados pelo governo brasileiro à produção e ao consumo do álcool como combustível.

De acordo com a história automobilística brasileira, divulgada pela Anfavea – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, o primeiro automóvel produzido em série com motor a álcool foi o modelo Fiat 147, lançado em 1979.

No mesmo ano, o álcool passou também a ser aplicado em veículos pesados.

Em 1979, a General Motors lançou um motor a álcool para ônibus e caminhões, de 6 cilindros e 170 cavalos. Uma das experiências mais marcantes foi neste mesmo ano, quando a Viação Urubupungá, de Osasco, testou um Monobloco Mercedes Benz O 364 com álcool aditivado. O veículo, prefixo 1070, rodou por alguns meses, na linha intermunicipal Ponte Pequena – São Paulo X Barueri. Foi sucesso para época, mas após alguns anos de uso, começou a apresentar problemas na operação, como menor rendimento em relação aos outros ônibus a diesel convencionais. O veículo foi chamado na época de “Pinguinha da Urubupungá”

O que nasceu com pretexto majoritariamente econômico, logo ganhou um apelo ambiental.

Segundo dados AIE – Agência Internacional de Energia, a utilização de etanol produzido a partir da cana-de-açúcar reduz em média 89% a emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa – como dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e óxido nitroso (NO₂) – se comparado com a gasolina.

Mas será que o uso do etanol só traz vantagens ambientais?

Um estudo publicado na Revista Nature do pesquisador da Universidade Nacional de Cingapura, Alberto Salvo e do físico- químico da Universidade Northwestern, Franz Geiger, sugere que o etanol usado em veículos pode causar problemas ambientais que vão muito além do plantio e queima do que restou da colheita da cana-de-açúcar.

Para chegar a essa conclusão, os pesquisadores internacionais analisaram a situação de São Paulo.

De acordo com o trabalho, de 2009 a 2011, houve uma elevação no preço do etanol enquanto que o governo mantinha política de controle de preços dos derivados de petróleo para conter a inflação. As pessoas começaram a consumir mais gasolina de novo. O uso do combustível à base de petróleo subiu de 42% para 68% entre os veículos leves.

Ainda de acordo com o monitoramento dos pesquisadores, enquanto o consumo do etanol nos veículos estava alto, também aumentou a quantidade de Ozônio – O₃, que é um poluente urbano que pode causar graves problemas respiratórios. O ozônio O₃ se forma quando a luz solar desencadeia reações químicas envolvendo hidrocarbonetos e óxidos de nitrogênio emitidos pelos veículos.

Os pesquisadores, com base nos dados das estações oficiais de monitoramento do ar, perceberam que enquanto o consumo de gasolina subiu, houve uma queda de 15 microgramas por metro cúbico (15 µgm⁻³) na concentração de ozônio ao nível do solo, para baixo a partir de uma média de 68 dias da semana µgm⁻³.

O estudo deixa bem claro que não é uma questão de defender a gasolina ou qualquer outro derivado de petróleo, que também trazem sérios problemas ambientais, como o aumento dos níveis de óxidos de nitrogênio, substância responsável diretamente por graves males à saúde pública. Entretanto, o estudo de 2014, alerta para necessidade de mais cautela em relação à classificação do etanol como combustível verde.

A discussão atualmente ganha importância diante da licitação dos transportes coletivos na cidade de São Paulo. Uma das opções para os ônibus emitirem menos gás carbônico são os modelos a etanol. Se as conclusões do estudo estiverem acertadas, esta também deve ser uma discussão em relação aos transportes coletivos.

O Diretor da L'Avis Eco-Service, especialista em transporte sustentável, que também é fundador e Secretário Executivo da Comissão de Meio Ambiente da Associação Nacional de Transportes Públicos – ANTP, Olimpio Alvares, se preocupa em relação ao etanol e ozônio. O especialista disse ao *Diário do Transporte* que defende a realização de outros estudos. Olimpio também diz que o diesel também é perigoso quanto ao ozônio. *“O diesel também contribuiu para a formação do ozônio, porque o NO₂, contido no NO_x – gerado pelo combustível, é um precursor da formação do O₃. Portanto, do ponto de vista do O₃, quanto menos diesel melhor também”*

Confira o artigo técnico:

Além do MP, cujo risco de aumento expressivo dos índices de morbimortalidade por doenças cardiorrespiratórias não é exatamente uma novidade, o estudo aponta um outro evidente e grave risco à saúde pública na terra das jabuticabas: os altos níveis de O₃ persistem, em que pesem os programas de controle de emissões de veículos novos e de combustíveis alternativos.

A presença na atmosfera de substâncias como os aldeídos e o etanol não queimado, devido ao uso automotivo do álcool em larga escala – adicionado à nossa gasolina, e no estado puro nos veículos flex – pode ser uma provável causa da persistência histórica das altas concentrações do ozônio na atmosfera da área metropolitana de São Paulo, ao contrário do que tem sido sugerido há décadas na defesa da política nacional de uso desse biocombustível.

Outras cidades do mundo que não usam biocombustíveis em larga escala, como Los Angeles e a própria Cidade do México, conseguiram reduzir o ozônio desde a adoção dos catalisadores nos veículos leves no início da década dos anos noventa. Trata-se, porém, de um complexo fenômeno fotoquímico relacionado com fatores locais conjunturais, climáticos e meteorológicos, o que torna imprópria a comparação do caso de São Paulo com qualquer outra cidade do planeta; mas a queda gradual do O₃ nessas cidades, não deixa de ser um indício a ser registrado.

Refiro-me, entretanto, ao surpreendente estudo publicado na Revista Nature de pesquisadores de Londres e Illinois, Alberto Salvo e Franz Geiger,

que analisa a serie histórica dos níveis de ozônio na área metropolitana de São Paulo, cotejada com a serie histórica do consumo relativo de gasolina/etanol na região ao longo dos últimos anos. O estudo levanta indícios preocupantes sobre uso de biocombustíveis em larga escala, dada a suposta influência positiva e relevante na formação do ozônio.

Os defensores do etanol combustível e os organismos ambientais e de saúde pública brasileiros deveriam preocupar-se seriamente em patrocinar um estudo profundo para tentar provar que esses pesquisadores estariam supostamente equivocados. Enquanto não o fazem, a ciência oficial seguirá apontando o suposto equívoco ambiental numa das principais políticas públicas do tipo “jabuticaba” do País: o Proálcool.

A única ação (passiva) observada até este momento, da parte dos representantes dos produtores de etanol, especialistas e autoridades oficiais, tem sido a simples negação dos graves indícios e a reiterada acusação pública, carente de fundamentação, da suposta incompetência dos pesquisadores. Falta, portanto, numa situação de tamanha relevância para a saúde de dezenas de milhões de brasileiros que habitam as grandes metrópoles, uma justificativa científica plausível e consistente, à altura do estudo da Nature.

Na opinião de alguns cientistas da área das ciências atmosféricas, brasileiros e internacionais, com quem já tive a oportunidade de debater o tema e o estudo da Revista Nature, a metodologia usada parece ser consistente e sinaliza algo bastante preocupante para as populações de grandes cidades brasileiras.

Assim, já passa da hora de a comunidade técnica ambiental no Brasil, em parceria com os produtores de etanol, a indústria automotiva e o setor acadêmico, tirarem a cabeça de avestruz da terra e proporem um estudo científico de alto nível para investigar o reportado fenômeno da redução expressiva dos níveis de ozônio, proporcional ao aumento relativo do consumo de gasolina em relação ao etanol, conforme ocorrido nos últimos anos, quando houve uma inversão no padrão de consumo do etanol em função do preço congelado da gasolina.

Um eventual saudável contraponto ao estudo da Revista Nature, seria o mínimo que os setores ambiental, saúde, automotivo e dos produtores de etanol poderiam produzir, diante desse delicado momento crucial, onde o novo Regime Automotivo (Rota 2030) está na iminência de inundar as ruas brasileiras com incentivos fiscais aos veículos flex movidos predominantemente a etanol hidratado.

A INFLUÊNCIA DOS TEXTOS MULTIMODAIS E O DIALOGISMO DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Eliane Maria de Góes Alves

Gêneros textuais e leitura

Os textos multimodais são aqueles que empregam duas ou mais modalidades de linguagens a composição da linguagem verbal e não verbal com o objetivo de proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo contemporâneo.

Dessa forma Angela Paiva Dionisio e Leila Janot de Vasconcelos entendem que:

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. Produzimos, portanto, textos para serem lidos pelos nossos sentidos. Nossos pensamentos e nossas interações se moldam em gêneros textuais e nossa história de indivíduos letrados começa com nossa imersão no universo em que o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais. (2013, p. 19).

Sendo assim, é de suma importância esta prática pedagógica, visto que contribui para o conhecimento educacional aprimorado, ou seja, o raciocinar do aluno para as diferentes formas de linguagem, possibilitando as multimodalidades da língua e/ou linguagem de aprendizado.

Com essa finalidade, a multimodalidade em sala de aula será utilizada como formas textuais diferenciadas e atrativas no contexto escolar. Com isso, explorar cada vez mais as metodologias

ativas que tem como base às formas de língua e linguagem como meio estratégico dinâmico no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998, p.21) “os gêneros do discurso são instrumentos privilegiados para o ensino de Língua Portuguesa”, com isso, a intenção é de que as propostas e ideias apresentadas venham “oferecer subsídios para um ensino que permita aos alunos o uso eficaz da leitura e dos benefícios decorridos de sua apropriação, como a diminuição do fracasso escolar e a possibilidade efetiva do exercício da cidadania”.

Dessa maneira, uma das possibilidades a que se propõe os PCNS (1998) é o estabelecimento de dois eixos para o ensino da língua: um, que enfoca o uso da linguagem, por meio das práticas de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos; outros que focaliza a reflexão sobre a língua e linguagem.

A partir dessa concepção apresentamos uma variedade de textos com a finalidade de reconhecer características próprias do gênero discursivo notícia jornalística e seu uso na prática social, bem como as suas manobras para convencimento do leitor audiovisual contemporâneo.

A notícia

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. (PCNs, 1998,21).

Desarte, a notícia é um gênero discursivo jornalístico e não literário que tem como objetivo o de informar fatos do dia a dia, relevantes para a sociedade. Significa dizer, que a notícia tem a função social de relatar, descrever, de forma breve e objetiva, fatos reais, verdadeiros e importantes, que fogem do corriqueiro, da normalidade cotidiana (BENASSI, 2009, p.1791).

Para a autora, esse tipo de gênero discursivo encontrado principalmente nos meios de comunicação, é um relato curto e objetivo, escrito em 3ª pessoa, em que o narrador é observador e

conta os fatos. A linguagem usada é a formal, com sua função referencial, denotativa, cujo domínio social é o da memória e da documentação das experiências humanas vividas e cuja capacidade de linguagem dominante é a representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.

Com essa proposta de intervenção de ensino de produção textual argumentativa e contextualizada, no 9º ano do Ensino fundamental, analisar-se-a, neste sentido, as características linguístico-enunciativas de uma notícia jornalística, mediante as reflexões orientadas em sala de aula, que tem como propósito discutir “o como” a contemporaneidade traz ao processo de narrar e ao ensino gramatical contextualizado, adotando os gêneros como objeto de estudo, procurando contribuir para a formação de um aluno/cidadão crítico e participativo na sociedade.

Para Daiane Padula Paz (2018, p.31), “as tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) representam, na contemporaneidade, uma nova forma de interação entre os grupos; elas se conectam de forma tão intensa a esse corpo social que chegam a reconfigurar sua forma de organização”, realidade que diversifica e amplia ainda mais as seleções textuais, destacando a presença dos textos jornalísticos: notícias, reportagens, entrevistas, etc.

Sob tal aspecto, o processo de ensino aprendizagem busca a compreensão dessa perspectiva contemporânea e assimilação do conhecimento, assim sendo, com essa finalidade específica, as instituições especializadas procuram estruturar a notícia adequadamente: título principal- manchete; título auxiliar ou subtítulo- é a linha fina que complementa o título principal; lide- parágrafo de introdução que apresenta a síntese da notícia e contém as informações essenciais, as quais respondem as seguintes questões: o que aconteceu, quando, com quem, como aconteceu?; Corpo- descrição detalhada do fato; Foto e Legenda- linguagem não verbal complementar.

Trata-se de princípios estruturadores da atual proposta curricular para o Ensino Fundamental que tem por objetivo formar leitores críticos e construtores de diversos textos que circulam na

sociedade e assim estabelecer um fato novo, um texto informativo sobre um tema atual ou algum acontecimento real, veiculada pelos principais meios de comunicação: jornais, revistas, meios televisivos, rádio, internet, dentre outros, que nos faz repensar a veracidade trazida nas informações, muitas vezes falta honestidade na discussão, notícias tendenciosas, que procuram manipular o leitor audiovisual, e assim, despertando o interesse em interagir com o outro no sentido autor-texto-leitor.

Importante ressaltar que a leitura do texto jornalístico é fundamental para a formação do leitor, capaz de entender, integrar-se e atuar na realidade social em que está inserido. Portanto, a apresentação de uma variedade de textos com a intenção de reconhecer características próprias de cada gênero e o seu uso na prática social, definida por Bakhtin (2017) “a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. A língua é entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante, mas como um processo de evolução, ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal”.

Ou seja, a notícia traz na matéria fatos políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais e que, podem afetar indivíduos ou grupos significativos para um determinado veículo de imprensa.

Por fim, são exatamente termos como impessoal e neutralidade por trás de cada notícia, que serão temas de discussão e análise em sala, principalmente, no que diz respeito a notícia atingir o cunho de imparcialidade que se diz ter, e dessa forma analisar a estrutura organizacional de cada tópico informativo de maior relevância.

Plano de aula

Este plano de aula será trabalhado em 2 (duas) aulas consecutivas de 50 minutos cada, com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

1. Dados de identificação:

1.1. Instituição de ensino: Escola Estadual Sebastião Paraná

1.2. Professora: Eliane Maria De Góes Alves

1.3. Público alvo: 9º ano EF

1.4. duração: 2h/a

1.5. Disciplina; Língua Portuguesa

1.6. Conteúdos: Gêneros Discursivos:

1.7. Tema: Notícias & Manobra;

I. Justificativa

Analisar e refletir acerca da influência que os gêneros discursivos exercem na sociedade, reconhecendo e diferenciando essas diversas modalidades, levando-os a compreender a utilização da função argumentativa, manipuladoras e omissas no uso da língua por meio de enunciados orais e escritos.

II. Objetivos

- Desenvolver a compreensão dos gêneros discursivos por meio da leitura e análise de notícias fazer leituras de algumas notícias atuais fazendo uma comparação de como os textos estão estruturados, quais suas características principais e de temas que podem gerar polemicas em sala de aula bem como na pratica social;

- Identificar o tema central dos temas abordados, analisando o sentido de cada texto e a real intenção trazida pelo título da notícia;

- Produzir textos a partir de estruturas já conhecida objetivando atingir um público/leitor alvo, reconhecendo as várias características do gênero discursivo - notícia, assim como desenvolver habilidades de leitura, escrita e argumentação.

- Interpretar e analisar o gênero discursivo- notícia, possibilitando a formação de uma posição crítica e construtiva, bem como assumir um posicionamento a respeito dos temas abordados reconhecendo que não há como ser imparcial;

- Reconhecer a importância e a influência que meios tecnológicos exercem na Linguagem e opinião das pessoas que estão ao seu redor e no mundo;
- Desenvolver pesquisas sobre esse gênero;

III. Conteúdo

- Leitura, recortes de notícias, reportagens diversas;
- Oralidade e escrita;
- Analisar o cunho ideológico de cada notícia bem como a real intenção por traz de cada uma delas
- Produção textual;

IV. Metodologia

Na primeira aula será apresentado o conceito de gênero discursivo notícia e diversas notícias atuais. Posteriormente a turma se dividirá em grupos de 05 (cinco) alunos e realizará uma breve discussão dos aspectos e características encontradas para a produção dessas notícias, conseqüentemente se levantará alguns questionamentos, como por exemplo, qual é o objetivo da notícia, qual a perspectiva do relator ao produzir esse tipo de gênero textual, a notícia visualizada consegue atingir seu fim específico na sua casa, na casa do vizinho, da sociedade em geral, entre outras, qual a real intenção nas formas como está sendo veiculada a informação para o público leitor e ainda, comparar a mesma notícia em fontes diversas, se tem a mesma finalidade de informação quando comparadas.

Nos mesmos grupos farão a exposição de suas reflexões para as demais equipes, que por sua vez, podem interagir apontando suas próprias análises e questionamentos acerca dos principais aspectos utilizados nela para convencer e informar o público leitor. Ainda, serão analisados aspectos, como por exemplo, o título da notícia, indicando o enfoque principal do que será relatado e se o título chama a atenção do leitor, ativa e cria expectativas provocando a prosseguir a leitura da matéria, observando o

tamanho das letras e seus complementos: uso de substantivo para tornar os fatos mais concretos, a utilização do verbo e do tempo, em que pessoa está o texto e todos os da construção textual.

Ao final da aula será realizada a auto avaliação de cada equipe, apontando como se deu a participação de cada componente durante a escolha, discussão e apresentação da notícia.

Como trabalho extraclasse, individualmente, os alunos farão a produção de um vídeo de no máximo 02 (dois) minutos, a respeito do tema: “Notícias & Manobras”, em que escolherão duas notícias contendo a mesma informação, com interpretações diferentes, demonstrando sua opinião bem como, defendendo seu ponto de vista, ressaltando os pontos positivos e negativos acerca da informação e enviará para o grupo da turma, criado na rede social facebook, pela professora, que ficará disponibilizado pelo período de uma semana para a interação da turma.

Ainda, após a publicação dos vídeos no grupo da turma, poderá compartilhar suas reflexões e análises, interagindo com todas as postagens realizadas, pelos alunos participantes, assim, analisando os prós e contras do conteúdo compartilhado.

Na segunda aula, como se trata de uma sequência, iniciar a aula retomando parte do conteúdo já visto pelos alunos.

A turma deverá escolher uma notícia, a critério do grupo: para que ocorra essa escolha serão estabelecidos critérios a serem decididos pela turma, como por exemplo: qual o tema que está atual; que tipo de notícia está sendo alvo do público leitor e que gera opiniões diversas; esse tipo de notícia é realmente essencial para sociedade que vivemos, influência na opinião e comportamento dos indivíduos. Caso seja necessário, poderá ser feito uma votação para a escolha do tema.

Após essas definições, cada aluno fará uma produção textual acerca do tema escolhido, argumentando, sobre os diferentes tipos de linguagem utilizados na notícia, identificando as características ideológicas e objetivos da informação veiculada, demonstrando, implicitamente, seu próprio posicionamento discursivo em função do tema abordado. O texto produzido será requisito parcial da avaliação.

V. Recursos:

- Gêneros textuais específicos – recorte de notícias, jornais, revistas, internet-mídias sócias- instagran, facebook entre outros, meios televisivos e de comunicação em geral;

- celular para gravação dos vídeos;

- cartazes (facultativo) se o grupo de comum acordo quiser utilizar na gravação de vídeo;

VI. Avaliação

A avaliação se dará de forma processual, que será dividida em 02 (duas) etapas: individualmente, fará a produção de um vídeo de no máximo 02 (dois) minutos, a respeito do tema: “Notícias & Manobras”, em que escolherá duas notícias com a mesma informação, com interpretações diferentes, demonstrando sua opinião bem como, defendendo seu ponto de vista, ressaltando os pontos positivos e negativos acerca da informação e enviará para o grupo da turma, criado na rede social facebook;

Ainda, após a publicação dos vídeos no grupo da turma, comentará e/ou interagirá com todos os outros posicionamentos apresentados por cada integrante do grupo e da mesma forma analisando os prós e contras do conteúdo compartilhado.

Na segunda etapa de avaliação será realizada a produção de um texto jornalístico, de uma notícia, a critério do aluno, no qual deverá abranger elementos de outros textos, sejam eles verbais ou visuais.

Para a avaliação de recuperação, caso seja necessário, será proposta uma atividade descritiva acerca do conteúdo: escrever utilizando o conhecimento sobre o gênero discursivo – notícia-argumentando acerca de suas manobras em relação ao público alvo.

Além disso, será observada a participação e o interesse dos alunos durante as atividades desenvolvidas, principalmente, a participação oral, que demonstrará a apropriação e assimilação do conteúdo, possibilitando-os a refletir no contexto social em que

estão inseridos. Ainda, será disponibilizada auto avaliação para cada aluno.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins fontes, 1997.
- BENASSI, M. V. B. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: *CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜSTICOS E LITERÁRIOS*. 3, 2007, Maringá, Anais... Maringá, 2009, p.1791-1799.
- BIZIAK, J. dos S. *PONTES: levando o hibridismo enquanto prática pós-estruturalista para a sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.
- BRASIL. SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- DIONÍSIO, A. P. e V., JANOT, L. Multimodalidade, gênero textual e ensino. In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 19.

Anexos (exemplos)

1- Bolsonaro entra em avião para cumprimentar passageiros e é recebido a gritos de genocida; assista (fonte: yahoo notícias, por João de Mari) 11/06/2021

2-Bolsonaro entra em avião para cumprimentar passageiros, é xingado e diz que quem o hostilizou devia andar de jegue

Presidente esteve no Espírito Santo para cerimônia de entrega de casas populares. Ele também tirou fotos com apoiadores na aeronave. (fonte: G1, por Luiza Marcondes) 11/06/2021

**3-Anvisa autoriza Pfizer para crianças e adolescentes de 12 a 15 anos
Medida não libera, de forma imediata, vacinação contra covid
para esta faixa etária; imunização se restringe a maiores de 18
anos (fonte R7)**

4-Imunizar maiores de 12 anos ajuda a conter disseminação do vírus, diz médico

Jamal Suleiman, infectologista do Instituto Emílio Ribas, explica por que autorização da Anvisa para vacina da Pfizer será importante para campanha nacional (fonte : CNN Brasil, por Renata Souza) 11/06/2021

UMA PROPOSTA DE CONDIÇÃO DE LEITURA: UTILIZANDO POEMAS DE CORDEL NAS AULAS DE LINGUAS PORTUGUESA

Gisele Aparecida da Rocha

Fundamentação teórica

Discutir educação relacionada à realidade do Brasil, sempre foi motivo de grandes embaces, pois à educação escolar está ligada diretamente com o cenário social e político do país. Segundo Saviani (2003, p. 2) [...]” a escola configura-se numa situação privilegiada, a partir da qual podemos detectar dimensão pedagógica que subsiste imbricada no interior da prática social global”.

Não cabe neste momento discutir todo o processo histórico da educação, mesmo assim, para o cenário atual das propostas de educação no Brasil percebemos as intenções nas quais se relacionam propositadamente com o sistema capitalista, permitindo nos pensar que através da ideia de educação, temos a formação do indivíduo, no qual se torna viável conciliar e corresponder aos moldes das demandas do sistema. Para tanto, pensar sobre o documento principal que envolve o plano de vida do estudante, no qual, também, há uma ideia de integração do sujeito, em que aparentemente, é real e convincente, a trajetória escolar básica mostra resultados que nem sempre condizem com à formação completa desse sujeito letrado e crítico. Existe um abismo no que se propõe na teoria em relação à realidade, sendo os resultados benéficos para o que sustentará o sistema de produção.

Resumindo: a objetividade material da instância ideológica, é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão o da contradição

reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (PÊCHEUX, 2014, p.147)

Quando temos um discurso no qual se refere à formação do ser humano crítico, é viável pensar, que os discursos ideológicos não serão mantidos em cárcere privado, e serão oferecidos, e conscientizados para aquele que consegue chegar até as propostas educacionais. Porém, essa ideia nem sempre permite pode ser efetivada.

No ensino de língua e linguagem a Base Nacional Curricular propõe: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividade e identidades sociais e culturais”. (BNCC, 2017)

Na Base Nacional Curricular temos uma proposta de trabalho abrangente, no qual insere o estudante no processo de letramento, supondo condições de contemplar um conjunto de saberes incluindo ser oportunizado a trabalhar e desenvolver o “aparelho ideológico”. Conforme vamos propor no plano de aula, ao trabalhar com leitura de textos em sala de aula, precisamos considerar, segundo BIZIAK (2020) que “a ideologia no processo de letramento, não inclui doutrinar, mas desenvolver a consciência leitora, no sentido de que só lê quem é sujeito, e ser sujeito significa assumir UMA posição entre outras”. Assim, trabalhar leituras de textos como o Cordel, de forma construtiva, na qual não se utilize uma cortina de fumaça para o estudante, mas, desempenhe o seu real papel, no qual não lhes entregue um pensamento pronto, fechado e intencional, mas que discuta e considere à condição de produção da obra, conforme seu período de escrita, possibilitará uma construção entre o trabalho com língua e linguagem, letramento e ideologia.

Daí, então, enfim, que as ações de letramento nos espaços escolares, não podem nem devem ser planejadas como algo que funcionaria por uma estrutura ou forma “em si” mas em interação com condições de produção que não se não isoladamente, mas de maneira situada

nas contradições nas quais é possível termos história, sujeito e enunciação. (BIZIAK, 2020, p. 357)

O discurso ideológico poderá comparecer nos conteúdos, práticas de leituras com abertura, significando, e possibilitando suas diversas alterações na construção de pensamentos. É importante pensar que diversas vezes, o termo “O que o autor quer dizer” ao trabalhar leituras de diversos materiais, sempre foi muito presente nas aulas. Por vez, podemos desfazer-se desta configuração, também, a palavra “contexto”, e, a palavra, “interpretar” como função educadora para nossos estudantes, podem ser substituídas. Utilizar a palavra “compreender”, fazer uma objetivação para refletir a condição das produções que serão utilizadas, ler com a turma, dar direção de leitura, levar análises a partir de outras produções de saberes, nas quais, possivelmente, instigará crescimento de conhecimento para ir além de uma única significação. Por falar em ideologia o objetivo de trazer essa palavra é justamente pelo que interessa no plano a seguir, pois “A Análise do discurso produz realmente outra forma de conhecimento, com seu objeto próprio, que é o discurso. Este, por sua vez, se apresenta como o lugar específico em que podemos observar sua relação entre linguagem e ideologia” (Biziak, 2020, p. 365).

No plano de aula utilizando o gênero textual Cordel, vamos buscar compreender através da leitura cuidadosa do poema, como o autor escolhe, ou intenciona sua produção. Tendo ideia de que os alunos já ouviram em algum momento, algum poema sendo declamado, ou tiveram contato com a estrutura de poemas, vamos seguir nossa leitura, refletindo sobre a organização do texto. Na leitura, veremos estrutura, rimas e, depois, intencionalidades. Esse plano de aula busca contemplar à proposta de leitura, sendo assim, a leitura será feita em sala pela professora, que chegará em sala, declamando um Cordel. O Cordel escolhido será “O Cordel”, depois teremos outra leitura na qual será realizada em sala, com o Cordel “O mundo do Sertão”. Além de abordar função social, relação com a história, o gênero Cordel, pode propiciar trabalhar

conteúdos gramaticais e análise sintática que fazem parte da construção de leitura.

Porém, o foco principal para esse plano, será às reflexões conforme a vida nordestina, e a expressividade nos poemas de Cordel conforme o desconhecimento da rela realidade dessas pessoas que muitas vezes sobrevivem ao nordeste brasileiro.

Plano de aula

Público Alvo: 6º ano

Duração: 3 aulas

Disciplina: Língua Portuguesa

Conteúdo: Práticas de leitura / Linguagem

Conteúdo específico: Poemas de Cordel- Aspectos sociais

Objetivos

- Analisar sobre como essa forma de escrita relata a história de um povo. Condicionar reflexão acerca da realidade do povo do nordeste. Perceber nossa posição ideológica sobre o que conhecemos do Nordeste. Pensar sobre o pré-conceito do qual ao ler os poemas nordestinos, relacionamos como nossa realidade do Sul do país. Envolver os alunos na leitura, agracia-los com a declamação do poema na entrada da aula.

Metodologia

Os poemas de Cordel podem trazer diversas situações relacionadas às desigualdades sociais. Também, apresenta uma estrutura específica de seu interesse com o leitor. A condição dos artistas, revelam opiniões, das quais podemos levantar críticas. A necessidade de produzir esse gênero textual na atualidade pode ser relacionada com a forma que o artista expressa sua liberdade de opinar. Todos esses aspectos poderão ser condicionados a partir do primeiro Cordel a ser lido/declamado.

Perceber a função do gênero textual Cordel, permeará os questionamentos, e depois uma comparação com diversos discursos nas mídias sobre um possível visão que a maioria das pessoas expressam sobre o Nordeste e sobre o Sul do Brasil, entre suas diferenças. Trabalhar nos textos às crenças e às suplicas por coisas relacionadas a própria natureza e simplória para alguns, torna-se possível para pensar nas diferenças.

Faremos isso com uma roda de conversa, em aula dialogada, podendo ter a participação de todos na buscas de elementos dentro do texto. Na primeira aula, podemos analisar a estrutura que este gênero está organizado, posteriormente, visar saber sobre o autor, e, sobre a época de sua criação, relação com a atualidade, e por fim, ouvir o que cada aluno compreende sobre a necessidade desse texto.

Recurso

- Computador
- Internet
- Caderno individual
- Computador/ pessoas de suas relações

Procedimentos avaliativos

Os alunos serão avaliados pela participação, contribuindo com suas opiniões e pela capacidade de buscar compreender os questionamentos na produção de relações entre os textos em sala de aula. Além de um momento para conceituarem sua participação com as reflexões propostas.

Referências bibliográficas

BIZIAK, J. S.. DO VALOR DA LETRA: UM ENSAIO SOBRE LETRAMENTO E IDEOLOGIA. In: Jacob dos Santos Biziak; Daiane Padula Paz. (Org.). *O que podem as licenciaturas em tempos de crise?*

(im)possíveis respostas do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas.. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, v. 1, p. 347-367.

PÊCHEUX, M. Terceira parte – discurso e ideologia(s). In:_____. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SANTAELLA, L. O que é semiótica? São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 103).

SAVIANI, Demerval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: _____. *Pedagogia histórico crítica*. 8. ed. rev.ampl. Campinas (SP): Autores Associados, 2003. p. 11-22.

SAVIANI, Demerval. As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina. In:_____. *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

Anexos

TEXTO 1

Um Cordel

Um cordel apenas um cordel
Feito sem folhe nem papel
Digitado, porem um cordel
Meio sem rima, mas um cordel
Daqueles que não se faz mais
De quadra, sextilha tanto faz
Um cordel apenas e nada amais

Xilogravura, queria um papel
Para enfeita essa minha loucura
De escrever sem rima essa escultura
Tão vazia, pobre dessas rimas
Dobradas no bolso. Jogadas ao lém
Será lembrada? Não sei, tanto faz
Já foi gostoso, escrever mim satisfaz

Um cordel é sempre um cordel
Mesmo sem graça, nem papel
Essa é aminha loucura, esse é o meu céu
Não guardarei essas rimas
Nem no bolso, nem em papel
Fica pra ti essa lembrança
Escrevi ainda agora esse pobre cordel.



(Edson Patrick Vasconcelos Pereira) (15h06min) (19/04/2011)

TEXTO 2



O Mundo do Sertão

Com tema do Nosso Armorial

Diante de mim, as malhas amarelas
do Mundo, onça castanha e desmedida.
No campo rubro, a Asna azul da vida:
à cruz de Azul, o Mal se desmantela.

Mas a Prata sem sol destas moedas
perturba a Cruz e as Rosas mal partidas.
E a Marca negra, esquerda, inesquecida,
corta a Prata das folhas e fivelas.

E enquanto o Fogo clama à Pedra rija
que até o fim serei desnordeado,
que até no Pardo o Cego desespera,

o Cavallo castanho, na corruja,
teuta alçar-se, nas asas, ao Sagrado,
ladrando entre as Esfinges e a Pantera.

TEXTO E TABUADA

Ilda Aparecida Müller

Fundamentação teórica

Desde os tempos antigos que os estudos sobre a educação trazem questões relevantes para cada época vivida. Alguns desses estudos, inclusive, apontam novas indagações para tentar nortear a educação e suas contradições. Dessa maneira, torna-se importante e necessário ler e estudar as novas teorias que enfatizam justamente os estudos já elaborados, mas com novas formas de linguagem. Além disso, é imprescindível conhecer teorias que dizem respeito à educação e ao currículo educacional – as quais necessitam, ainda, enfatizar a teoria e a prática na elaboração dos planos de aula. Assim, ressalta-se que o plano, elaborado e anexado a essa Fundamentação Teórica, oportuniza colocar tais conceitos na prática escolar. A proposta traz a interdisciplinaridade das disciplinas de Matemática e Português, desenvolvendo um conhecimento amplo de leitura e interpretação dos signos. “Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade de consciência verbalmente constituída” (BAKHTIN, 2014, p.38). Nota-se que o plano leva essas teorias em consideração quando apresenta momentos de interação em que os alunos dialogam tanto no início das aulas quanto no decorrer das atividades. E essa é, portanto, uma característica bakhtiniana.

Nesta proposta, também estão presentes as características das teorias pós, como por exemplo, o desenvolvimento de propostas de atividades que não descartem o uso de tecnologias e nem façam uso demasiado delas. Isso possibilita, inclusive, um equilíbrio na estética das atividades, deixando de colocar uma linguagem que opera independente da outra. “Os pós-estruturalistas não são

anticiência ou antitecnologia: ocorre que eles veem dimensões importantes que não podem ser contempladas de dentro da ciência” (WILLIAMS, 2013, p. 35). Nem todas são as mais adequadas para a execução no ensino contemporâneo, mas todas contribuem de maneira significativa para fazer pontes de conhecimento acerca da nova realidade presente no tempo vigente. Desse modo, cabe aqui ressaltar as palavras do professor Biziak que elucida o dinamismo das novas teorias como: pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo. Assim sendo, é possível afirmar que “[...] o ‘pós’ não se revela como superação de alguma outra realidade (estruturalista, modernista e colonialista), mas como lugar de entremeio, de passagem, na qual ainda estamos decidindo aonde seguir”. (BIZIAK, 2018, p.11). Esse dinamismo está presente nos gêneros do discurso que norteiam o ensino híbrido como prática das teorias “pós”. Sendo assim:

Em uma época de “redes, pensamos as pontes possíveis entre alunos e docentes: estes enquanto mediadores entram ao espaço escolar de maneira polissêmica. Logo, em um momento de transição, de pontes, a realidade dos alunos – vindas dos mais diversos espaços nacionais – entram como elemento signifiante de forma a fazer o docente também repensar cada aula como – tempo e espaço – único, irrepitível (BIZIAK, 2018, p.11).

Pensando nessas teorias e em como é possível fazer pontes de conhecimentos entre elas, é que se torna tão importante a elaboração de um plano de aula que abarque essas relações e coloque-as em prática. Isto é, faz-se necessário que esses estudos, previamente analisados, deixem de ser somente teoria e sejam trazidos para a realidade da comunidade escolar – os quais devem, ainda, fazer parte do currículo escolar. Entretanto, as teorias “pós” destacam o modelo educacional baseado na cultura ocidental. Isto é, os costumes e pensamentos europeus padronizam o ensino e, muitas vezes, “são carentes de um conhecimento que realmente interesse” (EFLAND, 2008, p.174), o que não significa que não há aproveitamento nos currículos elaborados

pelos docentes. Porém, “a pluralidade diáfana das formas artísticas é uma fonte de confusão tanto para aqueles que fazem o curriculum como para os estudantes” (EFLAND, 2008, p.178). Dessa forma, os hibridismos presentes nos contextos pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo fazem com que se torne “bastante difícil escolher o que deve ser estudado” (EFLAND, 2008, p.178). Logo, é interessante apontar que novos caminhos são necessários para que se possa pensar a educação como um instrumento emancipatório dos sujeitos. E, entre tantas outras teorias, esse caminho se constrói com a linguagem proposta pelas teorias “pós”.

Em Bakhtin (2016, p.11), é possível observar que a linguagem possui uma diversidade de formas e utilizações, e que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados”. Dessa maneira, o emprego da linguagem nos currículos escolares é que potencializará a forma de conduzir o ensino durante a execução da aula. Toda palavra é carregada de signos ideológicos e, por essa razão, pode-se afirmar que “tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN, 2014, p. 31). A palavra, por sua vez, traz esse caráter ideológico e é denominada por Bakhtin como de natureza social. Isso pode levar à compreensão de que a palavra, como signo ideológico, alcança todos os públicos e possui relevância social. Por isso, deve ser empregada em forma de signos nos currículos, bem como em planos de aula que indiquem mudanças e levem em consideração as lutas sociais que permeiam as teorias desde os tempos antigos até o tempo vigente. Desse modo, por meio do pensamento Bakhtiniano, ressalta-se a importância do uso da palavra na educação:

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais. [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 2014, p.42).

Importa destacar, ainda, que a palavra não deve ser usada com caráter exploratório ou somente como sinônimo de produção de mão de obra. Na educação, há documentos norteadores que trazem consigo algumas teorias que podem camuflar o ensino como sendo viabilizador de conhecimentos que preparam o educando para um futuro promissor. Daí a importância de um estudo crítico em relação às teorias presentes nesses documentos e no emprego da palavra presente nesse discurso. Em um tempo não muito distante, a burguesia multiplicou seus capitais com um discurso desenvolvimentista sobre a expansão industrial. A “burguesia moderna é produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de transformações nos modos de produção e circulação” (MARX, 2012, p. 46). Nesse sentido, e sob um entendimento marxista, pode-se afirmar que o sujeito faz parte da massa de manobra dos burgueses ainda presentes na sociedade e, como trabalhador, é oprimido em relação aos seus direitos. Assim, ao entender que a educação não se desvincula da atividade humana, pois o homem necessita produzir continuamente a sua existência (SAVIANI, 2011), é que a escola se configura numa situação privilegiada. Isto é, ainda que seja norteada por princípios capitalistas, a educação permite ao sujeito ser o pesquisador da própria história, tendo, ainda, a possibilidade de reinventar novos significados.

Evidentemente, o tempo vigente traz marcas históricas e, com isso, revela a necessidade de uma educação híbrida, com novas linguagens e com ênfase na pesquisa. Nesse sentido, as teorias “pós” dialogam com o tempo e contribuem de forma significativa nas práticas educacionais. “A crítica cultural pós-moderna [...] tem propiciado o nascimento de uma pedagogia crítica. Tal pedagogia crítica frequentemente questiona suposições e premissas do modernismo” (EFLAND, 2008, p. 175). Isso, de fato, é necessário para driblar os mecanismos de alienação capitalista presentes nos parâmetros da educação, que se apropriam de um discurso de caráter transformador para continuar na condição de dominante. Saviani traz a ideia de que:

O discurso da transformação não só não é temido como tende a ser apropriado pela classe dominante. Aliás, nós sabemos que ela própria procura tomar a iniciativa de formulação de um discurso transformador como mecanismo de manutenção/recomposição de hegemonia (SAVIANI, 2011, p. 46).

Enfim, acredita-se que o saber sistematizado não deve ser colocado num campo sem importância. Ao contrário, mesmo a escola apresentando diversas contradições, os sujeitos que fazem parte dela devem buscar:

Clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como o educador deve posicionar-se diante dessas contradições [...] para perceber claramente qual é a direção que cabe imprimir à questão educacional (SAVIANI, 2011, p. 86).

Nesse sentido, busca-se alinhar o desenvolvimento de um plano de aula voltado para as questões híbridas presentes no tempo vigente. Desse modo, serão levados em consideração os conhecimentos teóricos da pedagogia histórico-crítica, fazendo um elo de conhecimento com outras teorias, buscando, assim, colocar em prática tais teorias pesquisadas e analisadas de acordo com a proposta.

Plano de aula

1. Identificação

1.1. Instituição: Escola Municipal São Francisco de Assis – Mangueirinha - PR

1.2. Professora: Ilda Aparecida Müller

1.3. Público alvo: 3º Ano Ensino Fundamental

1.4. Carga horária: 4 aulas de quarenta e cinco minutos distribuídas, ao longo de quatro dias, no turno matutino.

1.5. Disciplina: Matemática/Português.

2. Tema: leitura e escrita da tabuada.

2.1. Subtema: identificação e análise de textos, e sua relação com a matemática.

2.2. Componente curricular: leitura, interpretação, tabuada e produção de texto.

2.3. tendo em vista que o objetivo é integrar conhecimentos, o plano deverá ser trabalhado de acordo com o currículo educacional, levando em consideração os elementos presentes nas teorias citadas na fundamentação teórica. Nesse sentido, aborda-se também o Currículo Oculto, o qual pode ser acrescentado em cada momento das aulas, trazendo aspectos que não estão presentes no currículo oficial, mas que se fazem presentes na didática aplicada.

3. Justificativa

A partir do diagnóstico feito durante algumas observações, para identificar o conhecimento prévio dos alunos, percebeu-se que o conhecimento em relação às disciplinas é isolado e sem relações de diálogo. Porém, existem estudos que apontam a importância de trabalhar a interdisciplinaridade e os elos de conhecimento. Sendo assim, sentiu-se a necessidade de elaborar este plano de aula voltado para as disciplinas que, aparentemente, podem ser mais “difíceis” de dialogarem.

4. Objetivos:

4.1. Geral: compreender a importância da leitura e da interpretação para a significação dos símbolos em todos os lugares.

4.2. Específicos:

- desenvolver a leitura e a interpretação da tabuada;
- elaborar um quadro que apresente as várias formas de escrever a tabuada, com ênfase na do número 2;
- ler, dialogar e escrever, com os alunos, a construção da tabuada do número 2;

- produzir um pequeno texto relacionado com as informações da vida cotidiana.

5. Desenvolvimento metodológico

1º Momento: serão organizadas atividades que possam ser socializadas entre os alunos, de forma que desenvolvam seu raciocínio individualmente e que possam dialogar seus conhecimentos com toda a turma. A leitura será organizada de acordo com cada etapa para que possa ser feita uma análise de cada situação, ou seja, interpretar todos os símbolos possíveis em cada proposta de atividade. Serão quatro aulas de quarenta e cinco minutos cada, em um total de cento e oitenta minutos ou três horas.

2º Momento: na primeira aula, abre-se espaço para diálogo e interação, bem como apresentação do conteúdo e da atividade a ser desenvolvida. Na segunda aula, será dado prosseguimento ao conteúdo, proporcionando também alguns minutos de diálogo para que os alunos se sintam entusiasmados com a apresentação da atividade de um quadro explicativo da tabuada com alguns algoritmos vezes o número dois.

3º Momento: na terceira aula, será feita a leitura e o diálogo com os alunos sobre a construção da tabuada do número dois, sendo que esses irão escrever de acordo com o que se pede. Em seguida, de tarefa escolar, a proposta é escolher e escrever no caderno um tema que se vivencie em casa, como: gastos com o mercado ou até mesmo a quantidade de arroz que é feita por dia para as refeições.

4º Momento: na quarta e última aula, serão apresentados os textos realizados e feitas reflexões acerca do consumo de cada família. Em seguida, todos irão assistir a um vídeo, sendo essa uma maneira híbrida e uma ferramenta complementar da aprendizagem.

6. Intervenção na realidade

1º DIA: 02/08/2021: na primeira aula, será apresentada a tabuada do número dois, que eles já viram em outro momento, mas sem uma análise de compreensão. Em seguida, permitir-se-á um espaço de cinco à oito minutos para um diálogo com a turma, com intuito de saber o que eles conhecem sobre o tema apresentado, bem como suas curiosidades. Logo após, o professor interagirá com os alunos chamando a atenção para a construção de uma tabuada cartesiana no quadro, colocando em destaque a do número dois. No caderno, os alunos pintarão os quadrinhos da tabela em que tem a multiplicação do dois.

2º DIA: 03/08/2021: Iniciar-se-á com uma socialização da aula anterior, fazendo questionamentos como: O que nós conversamos na última aula? Porque foram pintados apenas os quadrinhos que tem a multiplicação do “dois”? Será que na decoração da sala de aula possui algum numeral “dois”? Em seguida, será dado início à aula em que se apresenta um quadro da tabuada. Essa atividade é simples, porém bem importante para leitura e compreensão da tabuada. O docente deverá distribuir xérox com a atividade para todos. Os alunos deverão preencher as lacunas que se encontram em branco na tabela. Dado os algoritmos, a ordem deve ser: primeiro exemplo: 1×2 ; escrito da língua natural (um vezes dois); significado numérico (2); gráfico/símbolo (●●); resultado (2). Segundo exemplo: 2×2 ; escrito da língua natural (dois vezes dois); significado numérico ($2+2$); gráfico/símbolo (●●●●); resultado (4).

3º DIA: 04/08/2021: nesta aula, será trabalhado com a construção da tabuada do número dois. Todos os alunos receberão uma folha com um texto chamado “Dona Zezé”. Depois disso, os alunos farão a leitura do texto, de modo que cada um leia até a primeira pontuação, pois trata-se de um texto curto. Logo após, será desenvolvida a atividade de compreensão da tabuada, de maneira que o docente voltará a fazer questionamentos que estão presentes na leitura, construindo, com isso, uma ideia prévia antes de aplicar a atividade. Dando continuidade, introduz-se questões

problema como: “Se Dona Zezé tem dez filhotinhos e precisa de comida para todos, então: quantas frutinhas cada filhotinho come? Quantas frutinhas Dona Zezé pode transportar no bico? Quantas viagens ela vai precisar fazer?”. A segunda atividade colabora na compreensão dos símbolos e das formas de escrever a tabuada, além de ajudar também na escrita descritiva. A atividade procede da seguinte forma: “quando Dona Zezé foi à árvore pegar as frutinhas pela primeira vez, quantas frutinhas ela levou para o seu ninho? Resposta_2_”. Vocês sabem o que significa esse símbolo (X)?”. Aqui, o aluno deverá responder de forma descritiva. Como tarefa de casa, os alunos deverão conversar com os pais sobre alguns gastos que possuem na casa como: compra de arroz, feijão, carne etc. Assim, eles precisarão fazer anotações no caderno e trazer, na próxima aula, para compartilhar com os colegas.

4º DIA: 05/08/2021: nesta aula, será feita a socialização da pesquisa de casa, trazendo uma breve ideia de proporção, usando como exemplo os dados que os alunos procuraram na sua vivência cotidiana. Isso se dá pelo fato de usar exemplos dos valores que eles trouxeram multiplicando por dois. Segue o 1º exemplo: “se seu pai comprou cinco quilos de farinha de trigo e pagou dez reais, quantos reais ele iria pagar comprando mais um pacote de cinco quilos? $2 \times 10 = 20$ ”. 2º exemplo: “Mamãe comprou um pacote de feijão que custa R\$ 7,00.- No primeiro dia, ela comprou e pagou $1 \times R\$ 2,00$ - No segundo dia, ela comprou 2 e pagou $2 \times R\$ 2,00 = R\$ 4,00$ ”. Logo, eles farão o registro desses dados em seus cadernos, podendo socializar em casa. Em seguida, o professor acompanhará os alunos para a sala de vídeo para assistirem ao clip “Karaokê da tabuada do número 2” – papagaio Afonso, com a finalidade de descontração e como forma de mostrarem o que aprenderam cantando. Após assistirem ao vídeo, novamente será feita a socialização do assunto como forma de avaliação das aulas, justamente com a intenção de analisar se os conteúdos foram de grande relevância e se os objetivos foram alcançados.

7. Recursos didáticos

Quadro; pincel; folha sulfite; xérox; caderno; caneta; lápis; livros; televisão; internet.

8. Avaliação

A avaliação será feita no final da aplicação deste plano, pelo diagnóstico das atividades, da participação e da interação. Se necessário, caso apresentem dificuldades no conteúdo, esse plano é passível de introduzir outras alternativas. Ou seja, pode-se reelabora-lo, adequando novas atividades voltadas para esse conteúdo, oportunizando, desse modo, o aluno a compreender melhor aquilo que em um primeiro momento não conseguiu.

9. Orientações:

1) Possibilitar um ambiente alegre e, se possível, organizado de uma forma que todos possam se olhar para melhor socialização;

2) Reservar a sala de vídeo com antecedência, para não correr o risco de imprevistos;

3) Antes de iniciar os estudos, todo o material necessário deve ser providenciado;

4) Cuidar para que as atividades se encerrem antes do tempo limite de aula – isso é importante para que os alunos não se apressem na transição de aulas e possam internalizar o conteúdo de maneira significativa.

Referências

BAKHTIN, Mi., VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16 Ed. São Paulo. Editora Hucitec, 2014.

_____. *Os gêneros do discurso*. 1 Ed. São Paulo. Editora 34, 2016.

BIZIAK, J. dos S., STOCKMANN, J. Et Al. *Linguagens Híbridas na prática docente*. 1 ed. São Carlos. Editora Pedro & João, 2017.

- BIZIAK, J. dos S. (org). *Pontes: levando o hibridismo enquanto prática pós-estruturalista para a sala de aula*. 1 ed. São Carlos. Editora Pedro & João, 2018.
- BONNICI, T. *Aspectos da teoria pós-colonial*. 2 ed. Maringá: editora Eduem, 2012.
- EFLAND, A. D. *Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno*. São Paulo: editora Perspectiva, 2008.
- MARX, K., ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. 1 Ed. São Paulo. Editora Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.
- SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11 Ed. Campinas São Paulo. Editora Autores Associados, 2011.
- WILLIAMS, J. *O que é pós-estruturalismo?*. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 2013.

Anexo 1

DESTACAR COM LÁPIS COLORIDO A MULTIPLICAÇÃO DO NÚMERO DOIS.

x	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	9	18	27	36	45	54	63	72	81	90
10	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

Anexo 2

QUADRO DA TABUADA				
Algoritmo	Escrito Língua natural	Significado numérico	Gráfico/símbolo	Resultado
1x2	Um vezes dois	2	• •	2
2x2	Dois vezes dois	2+2	♥ ♥ ♥ ♥	4
3x2				
4x2				
5x2				
6x2				
7x2				
8x2				
9x2				
10x2				

ANEXO 3

Construção da tabuada do 2 Dona Zezé

Dona Zezé é a mãe de dez lindos passarinhos. Ela ama muito seus filhinhos, mas não consegue dar comida para todos ao mesmo tempo. Seus bebês passarinhos adoram frutinhas e ela precisa alimentá-los, pois eles são muito pequenos e ainda não sabem voar. O problema é que D. Zezé só consegue trazer duas frutinhas no seu bico.

Ela vai até uma árvore, pega as duas frutinhas e volta para o seu ninho. Em seguida, ela dá essas frutinhas para um dos filhotinhos, enquanto os outros esperam. Dona Zezé teve uma grande ideia: e se ela guardasse muitas frutinhas no ninho para quando seus filhinhos tivessem fome? Assim, ela sairia enquanto eles estivessem dormindo, traria para o ninho duas frutinhas, depois mais duas, mais duas... até ter duas frutinhas para cada filhotinho.

Se D. Zezé tem dez filhotinhos e precisa de comida para todos, então:

- Quantas frutinhas cada filhotinho come?
- Quantos filhotinhos D. Zezé pode transportar no bico?
- Quantas viagens ela vai precisar fazer?

Pois é, D. Zezé está muito confusa ... Ela precisa saber quantas frutinhas vai carregar no final.

- Vamos ajudar D. Zezé?
- Como podemos saber quantas frutinhas D. Zezé vai carregar?

ATIVIDADE

- Bom, quando D. Zezé foi na árvore pegar as frutinhas pela primeira vez, quantas frutinhas ela levou para o seu ninho? _____.
- Vocês sabem o que significa esse símbolo (X)?

_____.

• Então, vamos escrever com números e símbolos a frase abaixo:

“D. Zezé foi até a árvore uma vez e pegou duas frutinhas”.

• Bom, quantas frutinhas ela pegou por vez? Represente o resultado usando desenho e depois números.

• Depois, D. Zezé voltou de novo até a árvore e pegou mais duas frutinhas.

Quantas vezes ela foi até a árvore? _____

Quantas frutinhas ela pegou? _____

Represente o resultado usando desenho e depois números.

Em uma vez ela pegou ___ frutas e da outra vez ela pegou ___ duas frutas.

Quantas vezes foi preciso somar o número dois? _____

• D. Zezé foi de novo até a árvore.

Quantas vezes ela já foi lá? _____

Quantas frutinhas ela pegou? _____

Quantas vezes vamos somar o número dois? _____

Represente o resultado usando desenho e depois números.

Em ___ idas até a árvore D. Zezé juntou ___ frutinhas.

• Quantas frutinhas ela vai ter quando for até a árvore pela ___ vez?

Represente o resultado usando desenho e depois números.

• D. Zezé já foi lá na árvore 5 vezes. Quantas frutinhas ela já tem? _____

Represente usando desenho e depois números.

ANEXO 4

IDEIA DE PROPORÇÃO

- Mamãe comprou um pacote de feijão que custa R\$ 7,00.
- No primeiro dia ela comprou e pagou 1X R\$ 2,00
- No segundo dia ela comprou 2 e pagou 2X R\$ 2,00= R\$ 4,00

ANEXO 5

Karaokê da tabuada – Papagaio Afonso

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=E3WgbC127fk&t=32s>

PROPAGANDA E DISCURSO

Jussiani Marquezotti Ramos

Plano de aula

Tema: Propaganda, Ciência e Saúde

Conteúdo: Análise do discurso presente em propagandas de medicamentos

Público-alvo: 1º, 2º e 3º ano do Colégio Estadual Alto Da Gloria. O professor de Biologia deverá integrar o plano de aula à temática saúde, que entrou no currículo escolar no ano de 1971, por meio dos programas de saúde instituídos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Fundamentação teórica

A saúde além de ser uma característica biológica e um direito humano tem tornado-se um desejo de consumo por substâncias e ações consideradas saudáveis. Nessa perspectiva, os medicamentos além de apresentarem aplicação terapêutica, prevenindo, curando e tratando sintomas de doenças, apresentam o valor simbólico da saúde a ser consumida e também apresentam função social, à medida que problemas sociais são transformados em questões médicas (LEFÈVRE, 1991 *apud* ROSEMBERG, 1992).

A sociedade contemporânea em busca da saúde faz uso indiscriminado de medicamentos por meio da medicalização e da automedicação. A medicalização é um conceito que surgiu nos anos de 1970 como uma crítica à transformação de conflitos sociais como, por exemplo, drogas ilícitas em questões médicas, passíveis

de controle e vigilância pelas instituições de saúde (CARVALHO *et al.*, 2015). A automedicação é definida pelo uso de medicamentos industrializados e/ou plantas medicinais para tratar problemas de saúde sem a orientação técnica (CASTRO, 2006).

Caminatti (2014) em uma revisão bibliográfica sobre a propaganda de medicamentos no Brasil verificou trabalhos que indicavam que alguns dos riscos que a propaganda irregular de medicamentos expõe a população são a automedicação, intoxicações, uso incorreto e prescrições influenciadas por propagandas. A autora também encontrou apontamentos sobre a inadequação da propaganda em relação à legislação que a regulamenta e também referentes à omissão de informações negativas, contraindicações e supervalorização dos benefícios do medicamento.

Desse modo, considera-se importante analisar quais discursos constroem as propagandas de medicamentos. A Base Nacional Curricular Comum para o Ensino Médio (2018), em suas competências específicas para as Ciências da Natureza e suas Tecnologias menciona a importância de se detectar as vulnerabilidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais que as juventudes estão expostas com a finalidade de encontrar caminhos para a prevenção e promoção da saúde e do bem-estar. Também orienta que se capacite o estudante a selecionar fontes confiáveis de informação disponíveis em mídias variadas, aprendendo a avaliar os dados, argumentos e coerências apresentadas na divulgação das temáticas das Ciências da Natureza.

Para a realização dessas orientações, o letramento científico parece ser imprescindível para o discernimento do estudante frente às diversas informações sobre medicamentos veiculadas na atualidade, a fim de que ele identifique o que é capaz de prevenir e promover a sua saúde e a saúde coletiva e o que não é. Biziak (2020), em “Do valor da letra: Um ensaio sobre letramento e ideologia”, explica que o letramento científico acontece em um campo de significação formado a partir do uso e da compreensão da língua e da linguagem em dada organização construída e

reconstruída na interação implícita e/ou explícita de sujeitos situados e posicionados historicamente, socialmente e culturalmente. Os valores ideológicos que formam esses sujeitos não se originaram na contemporaneidade, mas em contínuo movimento se realizam, se recriam e se reproduzem nos sujeitos contemporâneos.

Nessa perspectiva, os discursos que permeiam as propagandas de medicamentos e os sujeitos que leem essas propagandas não estão isentos de posicionamento ideológico. Para Pêcheux (1995), um discurso é aquilo que delinea a realidade consensual, sem ser planejado, produzido e controlado pelo sujeito, mas pela formação discursiva e ideológica que o atravessa e que irá depender de sua posição social, geográfica e histórica. Assim, a posição discursiva de quem enuncia e a posição de quem o lê, é que irá criar as possibilidades de se dizer alguma coisa e ser compreendido.

Desse modo, pretende-se com esse plano de aula, identificar as práticas ideológicas, materializadas no uso da língua, que atravessam as propagandas selecionadas, com a finalidade de tornar os estudantes conscientes delas e menos suscetíveis ao consumo inconsciente e a reprodução automática de hábitos, gostos e valores que podem ser nocivos a sua saúde física, emocional e psíquica.

Objetivos

Compreender que os discursos não estão isentos de posição ideológica e que é a posição discursiva de quem enuncia e de quem lê que possibilita a comunicação.

Analisar propagandas de medicamentos considerando além das questões técnicas a posição social, geográfica, histórica e cultural de quem enuncia e de seu público alvo.

Tornar-se mais consciente das práticas discursivas materializadas no uso da língua e menos suscetível ao consumo inconsciente de medicamentos e a reprodução automática de

hábitos, gostos e valores que podem ser nocivos a saúde física, emocional e psíquica.

Metodologia

❖ Aula expositiva, dialogada a partir das falas dos estudantes e da transmissão de alguns conceitos durante a análise de propagandas de medicamentos de diferentes épocas considerando a análise do discurso segundo Pêcheux.

❖ Transmissão do filme “Cinema, Aspirina e urubus” e atividade prática avaliativa, em que os estudantes irão analisar a propaganda de medicamentos presente no filme.

Avaliação

Cada estudante deverá realizar por escrito a análise da propaganda de medicamento presente no filme. Será orientado que durante o filme eles colem, com lápis e papel, o nome da marca de medicamentos que produzia as propagandas, o nome, posição social, geográfica e histórica de quem levava as propagandas até o local que acontece o filme, anotem a qual público alvo a propaganda se destinava (posição social, geográfica e histórica) quais emoções a propaganda despertava e necessidades físicas que ela visava suprir nessas pessoas. Com essas informações, eles deverão fazer um texto contendo os dados coletados e responder a pergunta: O medicamento realmente cumpre com a expectativa gerada pela propaganda? Também deve colocar no texto algumas semelhanças e dessemelhanças entre a propaganda do filme e as propagandas analisadas na primeira aula. As notas serão dadas conforme a realização das orientações, comportamento durante as aulas e durante a transmissão do filme. Na recuperação, os estudantes poderão refazer o texto, após aula dialogada que destacará cada um dos critérios cobrados anteriormente.

Material

Projektor ou cartaz com propaganda, quadro, giz, caderno, caneta, lápis, borracha.

Procedimentos pedagógicos

❖ Primeiro momento: Exposição de propagandas de medicamentos de diferentes épocas. Figura 1. ENO, anos 50; Figura 2. Acnase, anos 80; Figura 3. Hidroxicloroquina, ano 2020. O professor pode expor quantas propagandas ele quiser.

Figura 2. ENO, anos 5.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/432978951653394078/>

Figura 3. Acnase, anos 80.



Fonte <https://i.pining.com/originals/85/b4/91/85b4911076aa074389d79837e21522d8.jpg>

Figura 4. Sulfato de Hidroxicloroquina, 2020.



Fonte: <https://www.seculodiario.com.br/politica/anunciantes-de-outdoor-pro-bolsonaro-podem-ser-processados>

❖ Segundo Momento: Pedir que os estudantes olhem para os enunciados e verbalizem as suas impressões e o que mais quiserem comentar sobre as propagandas. Anotar no quadro algumas palavras ditas para serem retomadas no terceiro momento.

❖ Terceiro Momento: A partir do que os estudantes falarem realizar a análise do discurso das propagandas.

Propaganda 1 – ENO

O ENO é um medicamento isento de prescrição médica (MIP), um antiácido de três ingredientes, bicarbonato de sódio, carbonato de sódio e ácido cítrico, indicado ao tratamento da azia e da má digestão, produzido por um farmacêutico britânico em 1.850 e disponível nas farmácias até os dias atuais. Essa propaganda circulou durante a década de 1950 e nesse período, o medicamento já existia há cem anos e era vendido em vários países, incluindo o Brasil.

A Inglaterra possuía relação comercial com o Brasil desde 1808, com a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a abertura dos portos. Comercializavam diversos produtos industrializados, como utensílios domésticos, móveis, roupas, entre outros, que difundiram hábitos e costumes ao cotidiano brasileiro (OLIVEIRA, 2015).

Na propaganda há dois espaços, no central há o desenho de pessoas vestidas socialmente, reunidas em uma mesa com pratos, talheres e copos. Há um casal, cujo homem está de braços cruzados, expressão carrancuda e prato de comida cheio dizendo a mulher: “Não como! Não bebo, nem converso! Eu sou do contra!”.

Abaixo dessa cena o anúncio diz: “Não seja do “contra”! Faça o regime ENO. “Sal de fruta” ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar para garantir o seu bom humor diário. Combata a prisão de ventre “Sal de fruta” ENO”.

Como toda propaganda, visa convencer os consumidores a comprar o seu produto e também tenta convencer o consumidor a determinados comportamentos, como o de “não ser do contra”. Mas será que tomar ENO ao dormir e ao levantar é saudável?

Continuar comendo diariamente aquilo que não “caí bem” é bom para a saúde? Pode ocorrer de o ENO “mascarar” alguma outra doença, ao tratar sintomas e não as causas da azia e má digestão? O que significa “não ser do contra”? Quem era ou é “do contra” é contra o quê ou a quem? Será que quem é “do contra” é contra apenas comer, beber e conversar? Ou será que é contra hábitos, costumes, relações comerciais e políticas?

Essa propaganda também visa atender necessidades biológicas, psíquicas e sociais. Biológicas quando promete acabar com o mal estar causado pela azia e má digestão, psíquica e social quando pressiona um tipo de conformidade social que soluciona o desconforto causado por aqueles que não participam das convenções sociais.

Assim, o ENO é um produto destinado a saúde, mas que está imerso em uma cultura de consumo que dialoga com a padronização dos comportamentos, pois sem essa padronização seria mais complicada a produção industrial em larga escala. A posição daquela que discursa na propaganda é a do dono dos meios de produção industrial. A posição do sujeito que lê esse discurso é a do que deseja ter acesso ao bem estar físico, conforto e vida social.

Propaganda 2 - ACNASE:

A ACNASE é um MIP, composta por enxofre e peróxido de benzoíla, que está no mercado desde 1982. Foi produzida pela brasileira Zurita Laboratório Farmacêutico LTDA, sendo indicada para casos de cravos e espinhas. Essa propaganda circulou na mesma década em que o medicamento foi lançado, 1980, em diversos meios de comunicação. Na década de 80 o Brasil já havia passado por um período de industrialização, passava por uma transição da ditadura para a democracia e culturalmente mantinha manifestações oficiais, normativas e também contraculturas.

Na propaganda há a fotografia de um casal abraçado, demonstrando um olhar de intimidade. O texto em letras grandes diz “Um rostinho lindo é sempre uma felicidade”. O texto em letras

médias diz: “Uma felicidade para você e para ele! A Acnase é a certeza deste rostinho lindo, sem espinhas, sem cravos e sem manchas. Acnase, um creme evanescente, suave, que pode ser usado em qualquer ocasião: Não engordura o rosto, pois é totalmente absorvido pela pele. A eficácia de sua ação medicinal elimina rapidamente as espinhas, os cravos e as manchas, deixando sua pele macia como uma seda. Use Acnase. Tenha sempre aquele rostinho lindo que Deus lhe deu. E que ele tanto gosta”. O texto em letras pequenas diz: “Acnase à venda nas farmácias e drogarias”. Há também a fotografia do produto e da embalagem.

O anúncio estabelece a comunicação com o público-alvo que parece ser mulheres jovens, heterossexuais e tementes a Deus. Ele também relaciona o rosto livre de cravos e espinhas à felicidade do casal e que não ter esse rosto almejado pode desagradar o parceiro e a Deus, pois é do rosto lindo que Deus gosta. Assim, a propaganda visa suprir necessidades físicas, emocionais e psíquicas, pois promete uma pele “macia como uma seda”, um relacionamento feliz e a aprovação de Deus. Será que o produto é capaz de atender todas essas necessidades? Será que essas necessidades são reais? Será que as espinhas e os cravos estão relacionados somente com a oleosidade do rosto ou podem estar relacionados a problemas hormonais decorrentes da idade ou outras desordens do organismo?

Imerso na cultura do consumo, a propaganda dialoga com a ideia de padronização da beleza e da felicidade. A posição de quem enuncia é a do sujeito que reproduz modos de ser feliz, modos de agradar, modos de ser linda. Quem lê e se identifica com esse discurso é o sujeito que busca uma solução para o problema de saúde, que almeja a beleza, a felicidade conjugal e a aprovação de Deus.

Propaganda 3 - SULFATO DE HIDROXICLOROQUINA:

A cloroquina é um princípio ativo descoberto em 1947, pela BAYER, farmacêutica alemã. É um medicamento de uso sob prescrição médica, indicado para malária, amebíase, artrite, lúpus

eritematoso sistêmico, lúpus discoide, sarcoidose e outras doenças de fotossensibilidade. Possui contraindicações variadas, como em pacientes com epilepsia, miastenia gravis, psoríase, porfiria, em casos de associação com diversos medicamentos como ciclosporina, penicilina, heparina, tioridazina, entre outros (REUQUINOL [BULA], Esse anúncio ocorreu na cidade de Vitória, Espírito Santo, no ano de 2020, de maneira ilegal, pois infringe as leis, em vigor na atualidade, que proíbem propagandas de medicamentos que expõem a população à automedicação, intoxicação, uso incorreto, omissão de contraindicações, entre outros (BRASIL, 2008). O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo Coronavírus que matou milhões de pessoas no mundo. O acesso à internet, a falta de vacinas, de medicamentos efetivos para o tratamento, informações desencontradas, notícias falsas e polarização política trouxeram ao Brasil muitas especulações e desinformações sobre a gravidade da doença.

A propaganda trouxe a fotografia do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, sorrindo e fazendo sinal de paz e amor com os dedos. Também traz a foto da embalagem do Sulfato de Hidroxicloroquina. O texto diz: “COVID-19: Tratamento precoce salva vidas!! #fechados com Bolsonaro”.

Esse anúncio, como os demais anúncios, visa convencer os consumidores de que o medicamento é eficaz. Esse, por ser um anúncio ilegal e não realizado pela farmacêutica que produziu o produto, também visa tranquilizar a população apreensiva com o avanço da doença e dos óbitos.

Pago pelo “movimento conservador” e anunciada pelo deputado estadual Capitão Assunção, a ideia era demonstrar apoio a Jair Bolsonaro e suas inúmeras declarações a favor do uso do medicamento como tratamento precoce ao COVID-19 (TAVEIRA, 2020).

Embora ilegal e de ter a veiculação suspensa, a propaganda estabeleceu uma comunicação com o seu público-alvo, pessoas que buscam qualquer possível solução para evitar que a doença se agrave, mesmo não havendo até o momento nenhum medicamento

com eficácia comprovada. Também se comunica com os apoiadores de Jair Bolsonaro.

A propaganda visa atender necessidades físicas de cura da doença; psíquicas de tranquilidade e controle sobre a doença; e sociais de pertencimento a um grupo político. Mesmo que o Sulfato de Hidroxicloroquina seja um produto destinado a saúde ele está imerso em uma grande polarização política. A posição dos enunciadores é a dos sujeitos que se definem como a direita política brasileira e eles discursam a procura de seus pares.

❖ Quarto Momento: Transmissão do filme Cinema, Aspirinas e Urubus.

Figura 5. Cartaz filme Cinema aspirinas e Urubus



❖ Quinto Momento: Explicar a atividade avaliativa e auxiliá-los na realização da análise.

❖ Sexto momento: Diálogo sobre a atividade avaliativa e recuperação.

Tempo previsto: Cinco horas aula.

Referências

BIZIAK, J. S. Do valor da letra: Um ensaio sobre letramento e ideologia. In: Jacob dos Santos Biziak; Daiane Padula Paz. (Org.). *O que podem as licenciaturas em tempos de crise?* (im)possíveis respostas do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, v. 1, p. 347-367.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em Jul. 2021.

BRASIL, RDC nº 96, de 17 de dezembro de 2008. Dispõe sobre a propaganda, publicidade, informação e outras práticas cujo objetivo seja a divulgação ou promoção comercial de medicamentos. Artigo 32. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2008/rdc0096_17_12_2008.html Acesso dia Jun. 2021.

CARVALHO, S. R. *et al.* Medicalização: uma crítica (im)pertinente? *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1251-1269, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/mW8FpY6CwpWrPGVLPbCxBQq/?lang=pt&format=pdf> Acesso em jun. 2021.

CASTRO, H. C. *et al.* Automedicação: Entendemos o risco? *Infarma Ciências Farmacêuticas*, Rio de Janeiro, v.18, n. 9/10, 2006 Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5xaDmV6Q4b0J:https://www.cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/12/inf17a20.pdf+&cd=11&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em jun. 2021.

OLIVEIRA, C. B. As relações comerciais entre Brasil e Inglaterra no início do século XIX. *II Colóquio Internacional sobre comércio e cidade:*

Uma relação de origem. Campinas, 2015. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2_cincci/1009%20Bortolotti.pdf Acesso em jun. 2021.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In: _____. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

REUQUINOL [Bula]. Brasil: São Paulo: *Apsen farmacêutica s/a*. Disponível em: http://200.199.142.163:8002/FOTOS_TRATADAS_SITE_14-03-2016/bulas/14007.pdf Acesso em jun, 2021.

ROSENBERG, B. O medicamento como mercadoria simbólica, Resenha, *Cadernos de Saúde Pública*. v. 8, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qfbm6mgTSYLbrGrBjs7RHpQ/?lang=pt> Acesso em jun. 2021.

TAVEIRA, V. *Anunciantes de outdoor pró-Bolsonaro podem ser processados*. Vitória, Espírito Santo, 2022. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/politica/anunciantes-de-outdoor-pro-bolsonaro-podem-ser-processados> Acesso em jun. 2021.

CULTURA INDÍGENA

Mônica Sepanski Garcia

Fundamentação teórica

A educação escolar precisa estar pautada em um ensino que vise o desenvolvimento integral do sujeito, ou seja, que através da educação ele desenvolva suas capacidades máximas, o que acontece por meio da mediação cultural e da interação entre os sujeitos.

De acordo com Saviani (2013), o processo educativo é um ato intencional e é por meio dele que ocorre a apropriação da cultura erudita, pois é essencial para a humanização do sujeito e consequentemente, seu desenvolvimento, onde os saberes acumulados historicamente não podem ser repassados hereditariamente, mas sim, por meio da instrução educativa, que deve propiciar aos sujeitos a aquisição do saber mais elaborado: o conhecimento científico. “A escola existe, pois para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. [...]” (SAVIANI, 2013, p. 14)

Desse modo, é fundamental que o professor, ao preparar seu plano de aula, esteja ciente de que os discursos são carregados de ideologias

Ainda que não se use, claramente, o termo “ideologia” em sala de aula, a atenção a ela, ao se planejar atividades, não deve ser perdida, sob pena de o docente acabar aprisionando o aluno na crença de que haja significações únicas [...] a ideologia atua independentemente de que se pense nela; aliás, ela “quer ser ignorada”. (BIZIAK, 2020, p. 356)

Portanto, o processo de ensino e aprendizagem não é neutro, e o docente enquanto formador precisa escolher uma teoria na qual

seu trabalho estará fundamentado. E é nesse aspecto de compreensão da teoria que o pós-estruturalismo se apresenta, já que apesar das ideias educacionais terem sido produzidas num determinado contexto histórico, quando o professor vai aplicá-la em sala de aula, esse contexto já mudou, ou seja, não há uma estrutura fixa que se aplicará igualmente em todos os contextos, porque os sujeitos são outros, com bagagens de conhecimentos diferentes e com visões e anseios distintos. Desse modo, “[...] Para o pós-estruturalismo, a verdade se torna uma questão de perspectiva ao invés de uma ordem absoluta.” (WILLIAMNS, 2013, p. 31)

Ao trabalhar com a abordagem da Pedagogia Histórico Crítica, é essencial que o professor saiba como essa teoria está fundamentada, bem como conhecer o tipo de aluno que deseja formar, visto que na sociedade capitalista atual busca-se a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, o que pode-se perceber pela ideologia adotada pela Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (neoliberalista), o documento norteador da Educação Básica.

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) [...] (BRASIL, 2017, p. 13)

Contudo, a apropriação do conhecimento deve estar atrelada ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos sujeitos “[...] a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a imaginação, a emoção e o sentimento. [...]” (MARTINS, 2013, p. 121), e não apenas resumir o ato de ensinar e aprender em habilidades e competências voltadas ao mercado de trabalho.

[...] O objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. Quanto ao primeiro aspecto (a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados), trata-se de distinguir entre o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório. Aqui me parece de grande importância, em pedagogia, a noção de “clássico”. (SAVIANI, 2013, p. 13)”

É notória a necessidade de trabalhar com a cultura indígena em sala de aula para além de atividades acessórias realizadas somente no dia 19 de abril (Dia do Índio), sem nenhum intuito pedagógico. De acordo com a Lei nº 11. 645 de 10 de março de 2008, “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (BRASIL, 2008). Conhecer e compreender que o povo brasileiro possui raízes africanas e indígenas permite que os educandos percebam a necessidade de valorizar a diversidade cultural presente no país.

Com base nisso, esse plano de aula tem o objetivo de ressaltar a necessidade de conhecer a cultura indígena como originária, de enxergar esses povos como sujeitos de direitos e com uma cultura própria, apesar de que é visto que ainda há “uma influência cultural híbrida dentro de uma mesma cultura e fora dela” (BONNICI, 2012, p. 21), pois “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 2014, p. 161). Destarte, o hibridismo cultural se faz presente no nosso dia a dia, tanto na linguagem quanto nos costumes oriundos dos povos indígenas.

De acordo com (Ngugi ,1972, p. 4) *apud* (Bonnici, 2012, p. 37) [...] a totalidade da arte [do povo colonizado], sua ciência, e todas as suas instituições sociais, incluindo seu sistema de crenças e ritos... [Esses] valores são frequentemente expressos através das canções

populares, danças, contos, pinturas, esculturas, ritos e cerimônias. (BONNICI, 2012, p. 37)

Em vista disso, para esse plano de aula foi selecionado o livro “A Carta de Pero Vaz de Caminha (para crianças)”, do autor Toni Brandão, para demonstrar a visão ocidental acerca dos povos indígenas, bem como o texto “Língua dos povos indígenas”, presente no livro “Coisas de Índio - versão Infantil”, de Daniel Munduruku (autor indígena demonstrando a visão pós-colonialista), já que pode-se entender como literatura pós-colonial “[...] toda produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos 15 e 21.” (BONNICI, 2012, p. 19). Além disso, será apresentado o *podcast* em que Daniel Munduruku é entrevistado, apresentando em sua fala o orgulho em pertencer à etnia Munduruku.

O trabalho desenvolvido será interdisciplinar (língua portuguesa e história) com o intuito de que os educandos possam compreender o contexto histórico e como se deu a colonização do Brasil, bem como perceber o hibridismo cultural e linguístico existente na formação do povo brasileiro.

Plano de aula interdisciplinar

Identificação

Instituição de ensino: Escola Municipal Professora Amélia Lara - EF

Turma: 5º ano

Componentes curriculares: Língua portuguesa e história

Tema: Povos e Culturas

Conteúdos: Cidadania e diversidade cultural no Paraná

Leitura e oralidade

Duração: 7 aulas

Justificativa

Os povos indígenas geralmente são representados como sujeitos inferiorizados ou protetores das florestas, porém, a importância desses povos vai muito além do seu contato com a natureza. Esses possuem uma rica diversidade cultural, já que há diversas etnias presentes no Brasil, e é necessário resgatar a importância social e cultural que os indígenas tiveram na formação do território, e conseqüentemente, do estado do Paraná, daí a importância de trabalhar a cultura indígena nas escolas, o que se tornou obrigatória com a lei 11.645/2008.

Objetivo geral

- Valorizar a cultura das diferentes etnias indígenas que contribuíram para a formação social do Brasil.

Objetivos específicos

- Conhecer como os povos indígenas eram vistos pelos portugueses;
- Conhecer que existem diferentes etnias indígenas;
- Identificar as contribuições linguísticas da cultura indígena;
- Identificar quais etnias indígenas existem no Paraná na atualidade;

Encaminhamento metodológico

AULA 1: A professora iniciará a aula perguntando aos alunos se sabem quais povos viviam no Brasil antes da chegada dos portugueses: “Como eles viviam? Será que eles tinham cultura própria? Existe apenas uma etnia indígena?”. As respostas serão registradas no quadro.

Num segundo momento, a professora realizará a leitura do livro “A Carta de Pero Vaz de Caminha (para crianças)”, de Toni

Brandão, dando maior ênfase aos trechos em que os indígenas são descritos de acordo com a visão portuguesa da época. Posteriormente será solicitado que os alunos comentem os pontos principais da história, como: “Com quais características físicas os indígenas foram descritos? Na região em que os portugueses chegaram, havia uma única etnia indígena? Como era a moradia desses povos? Quantos indígenas viviam no Brasil nesse período? Os povos indígenas possuem ou não possuem cultura?”. A professora também fará o registro das respostas no quadro. Na sequência, coletivamente, será produzida uma tabela comparativa das respostas apresentadas antes da leitura do livro e das respostas apresentadas posteriormente à leitura do livro. Será realizado um debate apontando as semelhanças e possíveis diferenças apresentadas pelas crianças. A avaliação dessa atividade se dará de acordo com a participação das crianças.

AULA 2: Para retomar o conteúdo da aula anterior, a professora solicitará que os alunos realizem a leitura da tabela comparativa com os dados sobre os povos indígenas e caso tenham algo para ressaltar sobre o assunto, poderão fazê-lo. Na sequência, apresentará alguns trechos do podcast “A importância das culturas indígenas na literatura”, em que Daniel Munduruku, escritor da etnia Munduruku, conversa com a entrevistadora sobre como aprendeu a ler, explicando que sua primeira leitura foi da natureza, lugar que aprendeu a observar e ser atento ao que acontece ao seu redor. Além disso, outro trecho a ser analisado será o momento em que ele explica o que representa uma etnia e como é importante que os cidadãos conheçam as culturas indígenas, já que há uma grande diversidade linguística e cultural desses povos no Brasil. A professora apresentará em *slides* um mapa do Brasil, com a distribuição dos povos indígenas pelo território brasileiro (presente no livro *Coisas de Índio- versão infantil*). A atividade proposta será relacionar o texto da página 17 do livro “A Carta de Pero Vaz de Caminha (para crianças)” projetado em *slides* com a identificação do local em que os portugueses chegaram, visto no mapa. Em seguida, deverão anotar em seus cadernos quais etnias indígenas

viviam naquele local. A professora realizará a correção individual e posteriormente fará coletivamente, para sanar possíveis dúvidas.

AULA 3: A professora iniciará a aula retomando a atividade com o mapa realizada no dia anterior. Na sequência, ela apresentará no *data show* o mapa do IBGE 2010 apresentando a população total de indígenas presentes nas seguintes cidades: Mariópolis, Pato Branco, Vitorino, Mangueirinha, Palmas e Clevelândia. Seguindo, perguntará aos alunos se sabiam que no município em que residem, Mariópolis, haviam cidadãos pertencentes à etnia indígena, em seguida explicará que na cidade de Clevelândia (cidade vizinha) havia sido inaugurado no ano de 2009 o MAI- Museu de Arte Indígena, porém, hoje ele está em Curitiba-PR. A professora mostrará aos educandos algumas imagens selecionadas do acervo do museu de diversas etnias, referente à arte plumária, adornos, arte cerâmica e instrumentos musicais, para que os alunos percebam o quanto é rica a cultura indígena. Como atividade de casa, a docente solicitará que os alunos realizem uma pesquisa sobre algum objeto apresentado nos *slides* referente aos aspectos culturais indígenas que mais chamou a atenção durante a aula (arte plumária, adornos, arte cerâmica, instrumentos musicais), anotando em seu caderno qual é o material utilizado para produzir o objeto escolhido, e com qual finalidade são produzidos. Então, deverão imprimir ou desenhar esse objeto para apresentar aos colegas (os alunos que não possuem acesso à internet podem se dirigir para a escola no turno contrário, a fim de utilizar a sala de informática para realização da pesquisa). Essa atividade será avaliada pela apresentação de cada criança e pela pesquisa de todos os aspectos solicitados.

AULA 4: Nessa aula as crianças irão apresentar aos colegas o resultado de suas pesquisas. Na sequência a professora explicará que: assim como os objetos culturais produzidos pelos indígenas possuem um significado, cada etnia indígena detém seus próprios costumes, sua própria língua, sua organização social, bem como sua própria visão de mundo. Uma das maneiras de repassarem seus conhecimentos é através de histórias que são contadas de geração em

geração, além disso, ressaltará a importante contribuição que os povos indígenas tiveram no nosso vocabulário, ou seja, nossa língua é híbrida pois recebeu influência de diversos povos. Nessa continuidade, as crianças receberão o texto “Língua dos povos indígenas” presente no livro “Coisas de Índio- versão infantil” (Anexo I). Será realizada a leitura coletiva e então, deverão colar no caderno e responder as questões referentes ao texto. (Anexo II)

AULA 5: A professora apresentará o vídeo “A lenda do dia e da noite” de origem Karajá, povos que vivem nos estados de Tocantins, Goiás e Mato Grosso, com o intuito de ilustrar que “As histórias que os indígenas contam falam das origens do universo, da humanidade e de como uma sociedade pode se organizar” (MUNDURUKU, 2020 p. 38). Além disso, de acordo com Ngugi (1986, p. 15-16) apud Bonnici (2012, p. 38), “[...] a língua carrega a cultura e a cultura carrega através da ‘oratura’ (‘oralidade’ não expressa todo significado desta palavra) e da literatura o conjunto de valores pelos quais nós nos percebemos e percebemos nosso lugar no mundo.” (BONNICI, 2012, p. 38). Dessa forma, as crianças poderão perceber a importância das histórias contadas de geração para geração e de como isso contribui para a formação cultural de um povo. Nisso, pode-se observar até mesmo em suas próprias casas, quando ouve-se as histórias dos pais e avós. Assim,

A partir da compreensão de que as lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas, com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, e que são contadas e recontadas de geração para geração com modificações conforme a época e o contexto[...] (RAMOS, 2016, p. 15)

No próximo momento, em relação ao vídeo, a docente solicitará que os alunos comentem as partes que mais chamaram a atenção na história, instigando da seguinte forma: “Quais são os principais personagens da história? Havia dia e noite? Em que lugar a escuridão estava guardada? O índio foi alertado por quais personagens a não abrir o coco de tucumã? Como a escuridão se

espalhou? O que a índia fez para separar o dia e a noite? Em relação à animação da história, apareceu algum elemento que já estudamos?”. Então, as crianças deverão formar 6 grupos com 4 integrantes e escrever em uma folha de caderno fornecida pela professora o reconto da história. A avaliação da atividade consistirá em analisar se as crianças conseguiram fazê-lo de acordo com a sequência dos fatos e se citaram os principais personagens.

AULA 6: Nessa aula, a professora entregará aos grupos da aula anterior o reconto da história “A lenda do dia e da noite” com as correções que deverão ser realizadas. As crianças deverão reescrever a lenda em seus cadernos e ilustrá-la. Depois, haverá a realização da correção individual dos textos.

AULA 7: Para finalizar a sequência de atividades, as crianças novamente serão organizadas em 6 grupos com 4 integrantes, receberão revistas e livros para recorte e produção de um cartaz. A professora explicará que cada grupo deverá conversar e construir uma frase explicando “QUAL A IMPORTÂNCIA DA CULTURA INDÍGENA PARA O POVO BRASILEIRO?”. Deverão utilizar colagens e desenhos para ilustrar a frase produzida (antes que as crianças iniciem o trabalho, a mediadora fará uma breve retomada do conteúdo abordado). Cada grupo terá que apresentar o cartaz para a turma, e os integrantes podem falar livremente o que aprenderam sobre as culturas indígenas. Nessa atividade a avaliação será em quais foram as compreensões dos alunos em relação aos temas abordados.

Recursos

- Cópias dos textos: Língua dos Povos Indígenas, Interpretação do texto; Mito Indígena do Sol.

- Cópia do mapa do Brasil;
- Livro A Carta de Pero Vaz de Caminha- para crianças;
- Livro Coisas de Índio- versão infantil;
- Notebook;
- Internet;
- Data Show;

Avaliação

É importante levar em consideração a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, e no 5º ano do ensino fundamental a maioria dos educandos estão em um mesmo nível de ensino, sendo poucos os que apresentam grandes dificuldades em relação à leitura, escrita e ao raciocínio lógico. A avaliação em sala de aula deve auxiliar o processo de ensino aprendizagem, não devendo apenas ser vista como algo normatizante, que serve apenas como atribuição de notas.

A avaliação é de extrema importância para que se saiba se os objetivos propostos foram atingidos e se os alunos realmente aprenderam, partindo das vivências desses para que esse processo de ensino aprendizagem seja significativo. Por isso, esse plano de aula busca avaliar os educandos nos mais diversos momentos da sala de aula e também em pesquisas extra classe.

[...] nunca é demais enfatizar, [...] que a língua escrita só será apresentada à criança pela leitura. É, pois, de esperar que o melhor plano para o desenvolvimento de uma boa ortografia seja nem a correção de seus erros em vermelho e nem a cópia sem compreensão, mas levar a criança a ler. (VASCONCELLOS; 2000; p. 68).

Além desse plano de aula propiciar o contato das crianças com livros e textos sobre as culturas indígenas (leitura), permite que os alunos desenvolvam a escuta, a oralidade e a escrita. Para cada atividade proposta, foi descrita uma maneira de avaliação, as quais a professora realizará os registros e verificará se os objetivos propostos estão sendo atingidos ou não. Caso não tenham sido satisfatórios, deverá realizar a retomada do conteúdo com o intuito de que os alunos apropriem-se dos conhecimentos apresentados, assim

[...] a avaliação deve ser contínua para que possa cumprir sua função de auxílio ao processo de ensino – aprendizagem. [...] avaliar na hora que precisa ser avaliado, para ajudar o aluno a construir seu conhecimento, verificando os vários estágios do desenvolvimento

dos alunos não julgando-os apenas num determinado momento. (VASCONCELLOS; 2000; p. 58/59).

Em suma, por mais que no sistema de ensino seja obrigatório a atribuição de notas ao final de cada bimestre, o professor que está realmente comprometido com a aprendizagem dos alunos sabe que “O desenvolvimento do pensamento se revela uma conquista advinda de condições que o promovam e o requeiram- e, como tal, depende em alto grau das dimensões qualitativas da formação escolar.” (MARTINS, 2013, p. 275). Portanto, assim como os métodos de ensino devem ser diversificados para atingir o objetivo de desenvolver as funções psicológicas superiores dos educandos, uma única forma de avaliação não permite ao professor compreender quais conhecimentos os alunos conseguiram apropriar e quais necessitam de um maior aprofundamento, e a avaliação é sim, um instrumento que permite esse olhar mais atento para os educandos.

Referências

- BIZIAK, J. S.. DO VALOR DA LETRA: UM ENSAIO SOBRE LETRAMENTO E IDEOLOGIA. In: BIZIAK, J. S.; PAZ, D. P. (Org.). *O que podem as licenciaturas em tempos de crise?* (im)possíveis respostas do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas.. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, v. 1, p. 347-367.
- BONICCI, T. Aspectos da teoria pós-colonial. In:_____. *O pós-colonialismo e a literatura*. Maringá: EDUEM, 2012.
- BRANDÃO, Toni. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: (para crianças)*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 30 jul. 2021
- BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: <<http://www>.

planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>
Acesso em: 03 ago. 2021

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2.html> > Acesso em: 24 jun. 2021

MAI MUSEU DE ARTE INDÍGENA. Acervo, Curitiba: MAI Museu de Arte Indígena, 2016.

MARTINS, L. M. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico- cultural e da pedagogia histórico- crítica*. Campinas: Autores Associados, 2013.

MUNDURUKU, D. *Coisas de índio: versão infantil*. São Paulo: Callis, 2020. *E-book*

OLIVEIRA, R. de. *A lenda do dia e da noite*. Youtube, 21 out. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4-qu-88Fx0s>> Acesso em: 04 ago. 2021.

PÊCHEUX, M. Terceira parte – discurso e ideologia(s). In:_____. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PLANTANDO HISTÓRIAS: #11 A importância das culturas indígenas na literatura. Entrevistado: Daniel Munduruku. Entrevistadora: Letícia Reina. [S.I.]: Spotify, 11 de mai. 2021. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2oyhj8ZIJ2dxGRJVTi22ZE?si=w-_WK_WjRHe4vUbDyVP87g&nd=1. Acesso em: 21 jun. 2021

RAMOS, V. P. *Gênero textual: resgate de lendas do povo Kalunga da Vila Morro Encantado e contribuições da alfabetização ao final da 1ª fase do ensino fundamental*. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - LEdoC FUP/UnB, Planaltina, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16721/1/2016_ValdetePereiraRamos_tcc.pdf > Acesso em: 06 ago. 2021

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico- crítica: primeiras aproximações*. 11.ed.Campinas: Autores Associados, 2013.

VASCONCELLOS, C. dos S. *Avaliação: concepção dialética- libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Libertad, 2000.

WILLIAMS, J. *O que é pós-estruturalismo?* In:_____. Pós-estruturalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

Anexos

Anexo I



Língua dos Povos Indígenas

Por muito tempo, pensou-se que todos os povos indígenas falavam a mesma língua. Ou seja, acreditava-se que os *índios* falavam o tupi. Foi assim porque os portugueses, ao desembarcarem em nossa terra, em 1500, encontraram o povo Tupinambá, hoje tentando permanecer vivo no Ceará e na Bahia. Esse povo era muito numeroso e ocupava praticamente todo o litoral brasileiro.

O tupi foi tão importante e tão usado que, até uns 200 anos atrás, era a língua mais falada em nosso país. Nos dias de hoje, nós só não falamos o tupi porque as autoridades portuguesas fizeram uma lei proibindo o uso dessa língua por toda a população brasileira.

O que é muito importante sabermos é que não existe uma única língua falada por todos os povos tradicionais.

No Brasil, hoje, são faladas aproximadamente 274 línguas indígenas. Alguns povos, além da língua materna, falam o português e outros também sabem falar a língua de povos vizinhos.

Muitas palavras que estão em nosso vocabulário são oriundas do tupi: pipoca, tapioca, peteca, curumim, abacaxi, açaí, urubu, jabuticaba, entre outras. Nomes de cidades ou lugares também fazem parte de nosso repertório como: Jabaquara, Ipanema, Curitiba, Cuiabá, Paraná, Guaratinguetá, Pará, Ceará, enfim, são muitas e muitas palavras. Seria até interessante que você fizesse uma pesquisa junto com seus colegas de classe para descobrir outros nomes e palavras de origem indígena.

Observe um pouco da diversidade das línguas dos povos nativos:



Língua Portuguesa Karajá Karitiána Kuikúru

Anexo II

Responda:

1 - Por que se acreditava que os povos indígenas falavam a mesma língua?

2 - Qual etnia indígena os portugueses encontraram no Brasil ao desembarcarem em 1500 em nossa terra? Essa etnia existe nos dias atuais?

3 - Por que não falamos a Língua Tupi atualmente?

4 - Quantas línguas indígenas são faladas no Brasil?

5 - Dentre as palavras oriundas dos povos indígenas presentes em nosso vocabulário, quais você já conhecia? Anote abaixo:

ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM VIDA MARIA

Patricia Estephane



Fundamentação teórica

A educação já passou por diversas reformas, por vários contextos políticos, sendo modificada para abranger problemas encontrados no âmbito educacional, porém o que se pode notar é que até o momento aquilo que ela busca sanar ainda permanece muito presente.

Podemos perceber que a educação busca transformar a sociedade através de ensinamentos que promovam um despertar da alienação que o capitalismo impõe, porém é a sociedade quem faz a educação se moldar nas suas necessidades, pois a sociedade abre mais espaço para um indivíduo que esteja de acordo com seus padrões. Sendo assim, educação é pensada segundo o protótipo da

manufatura, tornando a escola funcional à formação do trabalhador para atender às demandas do sistema de produção.

Resumindo: a objetividade material da instância ideológica, é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão o da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (PÊCHEUX, 2014, p.147)

Acredito que tal enfoque na educação vai ser de difícil acesso diante da sociedade que vivemos, pois essa igualdade será dificilmente alcançada, pois o que a sociedade capitalista menos almeja é que a escola forme cidadãos críticos acerca da alienação que cada um está envolvido. Buscando assim, que através do plano de aula, ocorra uma provocação no indivíduo para que venha questionar aquilo que está sendo imposto a ele. Pois o professor precisa buscar maneiras para que o aluno conheça seus direitos e seja respeitado em todos os âmbitos da sociedade, para que não seja mais um ouvinte passivo para o que a sociedade coloca.

Além da escola desempenhar um papel que reforça cada vez mais a desigualdade, pois ocorre uma dificuldade de acompanhar as necessidades dos alunos mais carentes e esses por sua vez se sentem excluídos, ocorrendo o abandono escolar, a escola promove um suporte precário para o atendimento desses alunos, porém, o intuito do capitalismo é de cada classe receba um tipo de educação, sendo extremamente importante para o sistema capitalista que permaneça os dominados e os dominantes. Cabe ao professor buscar através de sua prática em sala de aula, maneiras de aplicar o conteúdo para que desperte a visão do aluno para um todo, o conteúdo é o mesmo para todos, mas cada professor prepara sua aula conforme a necessidade que sua turma possua, pois deve elevar sempre a importância de cada cidadão para a transformação da sociedade. Pois o nome do curta-metragem já nos remete ao enunciado com a religião e a cultura, que possui um grande peso para a sociedade.

Conforme Bakhtin (2011, p.261): [...] enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

O plano de aula almeja que a escola forme cidadãos críticos acerca da alienação que cada um está envolvido, pois o primeiro passo para a mudança é o questionamento, sendo assim o plano de aula levanta questões de grande relevância para a sociedade atual, buscando assim através das atividades fazer com que cada indivíduo repense o meio em que está inserido e principalmente venha questionar tudo aquilo que envolva questões de criticidade. Ficando claro que se deve questionar tudo aquilo que é colocado como verdade absoluta, pois através da curta-metragem é possível trabalhar o que acarreta a falta de conhecimento sobre seus direitos e uma alienação da cultura, para que se veja a necessidade de se quebrar esse ciclo repetitivo. Promovendo uma mudança de pensamento para aqueles indivíduos que possuem uma alienação absoluta sobre quem dita as regras na sociedade. Cada aluno necessita de instrução que vem a ser promovida pela educação e deve buscar isso, por mais que encontre obstáculos nesse processo. Sendo assim é necessário analisar o curta-metragem conforme a ideologia que está exposta ali.

O conceito de Ideologia em geral aparece, assim, muito especificamente como o meio de designar, no interior do marxismo-leninismo, o fato de que as relações de produção são relações entre —homens||, no sentido de que não são relações entre coisas, máquinas, animais não-humanos ou anjos; 132 nesse sentido unicamente nele: isto é, sem introduzir simultânea, e subrepticamente, uma certa ideia de —o homem||, como antinatural, transcendência, sujeito da história, negação da negação etc. Como se sabe, isso constitui o ponto central da ‘Resposta a John Lewis’. Muito pelo contrário, o conceito de Ideologia em geral permite pensar —o homem|| como —animal ideológico||, isto é,

pensar sua especificidade enquanto parte da natureza. (PÊCHEUX, 2014, p. 151-152)

Atualmente encontramos tantas realidades distintas em sala de aula e por diversas vezes se torna um desafio trazer para o debate, visto que tornar o aluno um questionador, transforma o ensino em um gerador de mais qualidade. Sendo necessário que quando se planeja um conteúdo para se aplicar na sala de aula, é necessário se analisar cada realidade vivida pelo seu aluno, pois pode se gerar um impacto quando vai de encontro a realidade de cada indivíduo, para que se saiba a melhor trajetória para trazer à tona aquilo que pode ser o dia a dia de um aluno e ele pode se sentir constrangido quando sua vida cotidiana vem a ser tratada.

O plano de aula faz uma abordagem a tantas situações, que retrata que as experiências vividas na infância são determinantes para a formação da vida adulta, fazendo uma reflexão sobre o trabalho infantil e a falta de escolarização não só no sertão, mas em toda a realidade brasileira, fomentando uma nova perspectiva de futuro, através de uma mensagem comovente da realidade de tantas Marias. Além de abordar toda uma perspectiva do tratamento que a mulher recebe, entre eles a violação de tantos direitos que acabam tornando ela um indivíduo sem voz para relatar os abusos que sofre. Ao definir o curta-metragem para a análise busco gerar um grande debate em torno de assuntos tão relevantes para a educação e formação de cada indivíduo. Pois de acordo com Saviani a escola tem como principal função a transmissão do conhecimento sistematizado.

[...] a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo. E aqui nós podemos recuperar o conceito abrangente de currículo (organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares). Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria. (SAVIANI, 2000: p.23).

O curta-metragem *Vida Maria* foi lançado em 2006 pelo animador gráfico Márcio Ramos, o qual relata a realidade de gerações e gerações de mulheres do sertão nordestino, onde a cultura do trabalho na roça e dos afazeres domésticos perpetuam. Um contexto de total vulnerabilidade socioeconômica, e marcada por grande escassez de recursos básicos, como ausência de progresso e muita pobreza. Se faz uma construção da imagem do sertão cearense, o Nordeste, a qual já foi relatada em outras obras, abordando questões relevantes de uma sociedade, cultura, política e economia.

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e correu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. (ALBUQUERQUE, 2001, p. 23)

Além da pobreza e da falta de modernização, é abordado também o passar do tempo de vida de uma família sem educação, Maria José é uma menina de cinco anos que se esforça para aprender a ler e escrever o próprio nome, mas se vê obrigada a abandonar os estudos. A educação nos primeiros anos de vida é tratada como uma bobagem que não acarreta nenhuma mudança para aquele meio cultural que ela está inserida.

[..]os seres humanos têm uma visão distorcida da realidade. No mito, os prisioneiros somos nós [As Marias] que enxergamos e acreditamos apenas em imagens criadas pela cultura, conceitos e informações que recebemos durante a vida. A caverna simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade. Só é possível conhecer a realidade, quando nos libertamos [...], ou seja, quando saímos da caverna (Grifo e acréscimo meu). (SILVA, 2014)

Uma infância que considera a criança apenas para o trabalho, o curta-metragem possui alguns traços que relatam a realidade de crianças que tem sua infância esvaziada, muitas vezes para ajudar a família a sobreviver. E ao mesmo tempo se questionar o ensino que vem sendo oferecido, se ele realmente está voltado para fazer com que o aluno se encontre em meio a essa alienação que vive e busque formas para se desvencilhar.

Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais [...] (SAVIANI,2008, p.16-17)

Pode-se analisar nesse contexto o nome “Maria José” que carrega o peso da religião e ecoa o destino trágico de tantas mulheres, que estão inseridas em um espaço de sofrimento e muito trabalho. Como afirma Santaella (1983, p. 13) “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, examina os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como o de produção de significação e de sentido”.

Sua educação foi abortada na infância e ela se torna refém de sua cultura e da falta de oportunidade se tornando uma menina sem infância, sendo tirado seu direito de estudar e de brincar, realidade esta vivida por muitos alunos que ficam em meio ao processo educacional e são esquecidos pelo sistema.

Com base nos dados teóricos o plano de aula busca fazer um entrelace entre os grandes números de desistência escolar, de desigualdade social, trabalho infantil e de uma cultura predominante, fazendo com que os alunos percebam através do curta-metragem cada item que se pretende trabalhar depois. Bakhtin (1992), apresenta o gênero discursivo com uma maneira essencial para a aprendizagem de forma interativa e comunicativa.

Plano de aula

Identificação

Escola: Colégio Estadual Profª Terezinha Rodrigues da Rocha

Turma: 6º ano

Disciplina: História / língua Português

Conteúdo estruturante: Formas de linguagem

Conteúdo específico: desigualdades sociais

Duração: 8 aulas

Objetivos

Objetivo geral

- Analisar o emprego da língua verbal e não verbal para a reflexão sobre situações de desigualdade na sociedade.

Objetivos específicos

- Analisar sobre como a mulher é vista no sertão nordestino;
- Reconhecer o efeito da alfabetização para a emancipação socioeconômica;
- Reflexão sobre os diversos temas que o curta-metragem aborda, sendo o uso da linguagem oral e escrita predominante para os acontecimentos;
- Fixar o conteúdo após a abordagem do conceito;
- Desenvolver a compreensão dos gêneros discursivos por meio da análise do curta-metragem.

Desenvolvimento

A aula se dará com a exposição do curta-metragem, onde será exibido o vídeo, para que na sequência ocorra uma análise do conteúdo, com a participação ativa dos alunos, onde eles relacionem situações do seu dia a dia em que haja de acordo com

padrões estabelecidos pela sociedade e que eles nunca questionaram se são realmente corretos, pois por diversas vezes apenas repetimos aquilo que veio de ensinamentos da cultura. Questionamentos relevantes serão abordados como: o trabalho infantil, gravidez precoce, abandono da escola, entre assuntos que surgirem no decorrer da aula.

Pois muitos alunos se deparam com a mesma realidade e acabam abandonando a escola, por acreditarem que não existe outro meio para se resolver as necessidades já encontradas durante o percurso da vida.



O grande ponto-chave dessa análise, é cada aluno conseguir perceber as oportunidades que não são oferecidas a todos, pois cada escola possui uma realidade diferente e necessidades também, buscarei assim trazer exemplos de escolas públicas e particulares para se comparar. Além de expor programas sociais que abordem a igualdade a todos, além do ensino superior público e todo o suporte para quem quiser dar continuidade para seus estudos, é uma grande conquista para se dar ênfase.

Utilizarei uma aula para encaminhar os alunos até os computadores da escola para que realizem pesquisas referentes as questões do abandono escolar, pois atualmente como o índice cada vez vem crescendo mais, é possível que eles conheçam alguém de seu

meio familiar que tenha feito parte desta estatística. Em contraponto também será buscado o papel que a mulher vem desempenhando na sociedade, visto que esse se fortalece a cada dia.

O aluno necessita questionar o meio em que se encontra inserido, sendo necessário que o debate, traga a opinião de todos para que seja exposto os pontos negativos e positivos. Para que seja alcançado tais pontos será solicitado um texto em que seja exposto a opinião crítica de cada aluno na sala de aula, sendo que será também contabilizado como avaliação.

Procedimentos Avaliativos

Os alunos serão avaliados pela participação, contribuindo com suas opiniões e pela capacidade de interpretar os questionamentos na produção em sala de aula. Além de um texto em que será exposto os pontos negativos e positivos de todo o embate de acordo com a opinião individual de cada um.

Recursos

- Computador
- Internet
- Caderno individual
- Computador/ pessoas de suas relações

Referências

ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez. 2001.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In:_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

- PÊCHEUX, Michel. Terceira parte – discurso e ideologia(s). In: _____. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica?*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 103).
- SAVIANI, D. As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina. In: _____. *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).
- _____. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- SILVA, D. C. R. e. Lingu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia IPUC –FATIPUC. 2014.
- VOLÓCHINOV, V. Círculo de Bakhtin: Língua, linguagem e enunciado. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

O RACISMO E SEUS ECOS NA ATUALIDADE

Rubia Karla Sabei

Objetivos

Confeccionar um plano de aula que aborde as leituras e questionamentos teóricos, realizados durante as aulas do componente curricular Teorias pós-estruturalistas sobre os hibridismos da linguagem, ministrado pelo professor Dr. Jacob dos Santos Biziák, do curso de Pós Graduação em Linguagens Híbridas e Educação do IFPR/Palmas/PR.

Promover uma reflexão sobre a necessidade de adotar uma postura com mais empatia e alteridade, visando que não basta mais ser contra o racismo, é preciso ser absolutamente antirracista.

Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade racial, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, a fim de respeitar os Direitos Humanos.

Antes de qualquer discussão acerca de preconceitos e desigualdades, é necessário conceituar um direito básico e inerente a todos os humanos: o direito à igualdade. Para Ramos (2015) “A igualdade consiste em um atributo de comparação do tratamento dado a todos os seres humanos, visando assegurar uma vida digna a todos, sem privilégios odiosos”. Essa busca já foi a principal reivindicação nas primeiras declarações de Direitos Humanos do século XVIII, em detrimento dos inúmeros privilégios de nobres, religiosos e partidários. Todavia, ao se reconhecer no papel que todos são iguais, não se contemplava a existência de condições desiguais que passam necessariamente não apenas por leis, mas por políticas públicas que efetivamente cumpram uma função social na superação de desigualdades históricas.

Com a ascensão do Estado Social, a concepção de igualdade se amplia: a de igualdade material em complementação à formal que, segundo Ramos, (2015) “busca ainda a erradicação da pobreza e de outros fatores de inferiorização que impedem a plena realização das potencialidades do indivíduo”. A igualdade, nessa fase, vincula-se à vida digna.

O artigo I da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que foi concebido após os horrores do nazismo, preconiza que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (ONU, 1948). Os artigos II e VII também versam sobre o direito de igualdade e a proibição de discriminações de qualquer natureza.

O artigo 3º da Constituição Federal de 1988 estabelece entre os diversos objetivos do Estado brasileiro: “III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988). Também, o inciso XLII declara que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de eclusão”. (BRASIL, 1988).

Apesar disso, o racismo estrutural está presente em nossas vidas, embora ainda se faça um esforço descomunal para mascará-lo. Basta uma breve pesquisa para evidenciá-lo: Qual o número de pessoas negras nos cargos de direção e gerência das quinhentas maiores empresas do país? Mesmo com as ações afirmativas raciais (popularmente conhecidas como cotas), quantas são chefes em serviços públicos? E acerca das ações afirmativas raciais nas universidades públicas (Lei nº 10.558/2002): dentre os estudantes que entram através delas, qual a porcentagem dos que conseguem permanecer na instituição e se formar? Se analisarmos estes dados, realmente concluiremos que as desigualdades invariavelmente carregam consigo o preconceito racial, todavia, não apenas este, outros que com ele se escondem e se amplificam.

Para Piovesan (2015), com a edição da Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, conhecida como Estatuto da Igualdade Racial, que tem por objetivo “garantir à população negra a efetivação da

igualdade de oportunidades, a defesa de direitos étnicos e o combate à discriminação”, a perspectiva pode mudar, pois é estabelecido a possibilidade de adoção de ações afirmativas consistentes em “políticas públicas destinadas a reparar as distorções e desigualdades sociais e demais práticas discriminatórias adotadas, nas esferas pública e privada, durante o processo de formação social do país”. Sendo assim,

Todos nós sabemos que o racismo é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência de que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. A postura crítica como professor diante desta luta e denúncia é de fundamental importância (MUNANGA, 2005, p.40).

Já Willians (2013) afirma que:

Um aspecto do pós-estruturalismo é seu poder de resistir e trabalhar contra verdades e oposições estabelecidas. Ele pode ajudar em lutas contra a discriminação em termos de sexo ou gênero, contra inclusões e exclusões com base em raça, experiências prévias, *background*, classe ou riqueza (WILLIANS, 2013, p.17).

As teorias pós estruturalistas trazem a necessidade de refletir e discutir sobre a identidade, a alteridade e a diferença de uma forma mais evidente, visando não apenas conceitos e definições, mas apresentando a historicidade e a problematização de temas tão relevantes e determinantes para uma prática pedagógica mais profícua. Um exemplo disso é Foucault, que demonstra como cada membro da sociedade perde sua subjetividade através do estabelecimento do controle (físico, espacial e temporal) construído pelos espaços de saber-poder (especialmente a ciência) e, quando não se segue a norma, o sujeito é punido, patologizado e isolado do convívio social. Assim, o sujeito passa a ser estigmatizado pela sociedade (FOUCAULT, 1987)

A partir disso, entende-se que:

No pós-estruturalismo a vida não deve ser definida apenas pela ciência, mas pelas camadas de história e criações futuras capturadas em sentidos mais amplos da linguagem, do pensamento e da experiência. Isso explica por que os pós-estruturalistas não gastam muito tempo com as ciências. De fato, quando eles resistem e criticam tentativas de uma visão científica da linguagem, os pós-estruturalistas levantam uma questão mais ampla acerca da ciência e de seus limites. Além disso, o futuro do pensamento não pode ser guiado apenas pela ciência. Nossos desejos, atos e pensamentos têm dimensões extra científicas valiosas. Essas dimensões são uma parte importante de um senso completo de vida. A ciência não pode operar independentemente desta parte e não o faz mesmo quando afirma fazê-la. Muitos argumentos pós-estruturalistas são reações à abordagem tecnológica da vida que caracteriza a ciência (quando feita abstratamente ou sem imaginação). Eles enfatizam influências subestimadas e ocultas em ação dentro da ciência (WILLIANS, 2013, p.34).

Ao discursar na Assembleia de Jovens na ONU, a paquistanesa Malala Yousafzai nos demonstra uma verdade universal: "Nossos livros e nossos lápis são nossas melhores armas. A educação é a única solução, a educação em primeiro lugar". Desta forma, o papel do professor é fundamental para mediar e administrar conflitos, construindo mecanismos sólidos para desconstruir percepções arbitrárias no meio educacional e desarticulando qualquer tipo de discriminação.

Portanto, enfatizamos que

Falar sobre diversidade e diferença implica, também, posicionar-se contra processos de colonização e dominação. Implica compreender e lidar com relações de poder. Para tal, é importante perceber como, nos diferentes contextos históricos, políticos, sociais e culturais, algumas diferenças foram naturalizadas e inferiorizadas, tratadas de forma desigual e discriminatória. Trata-se, portanto, de um campo político por excelência. Assim, o debate deve ser inclusivo e democrático, e as bandeiras de luta devem se somar, e a escola é esse campo exclusivo de diálogo (GOMES, 2006, p.25).

Para Paulo Freire (1987):

Em verdade, não seria possível à Educação Problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre educador e educandos. Como também não seria possível fazê-lo fora do diálogo. (...) O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que ao ser educado, também educa (FREIRE, 1987, p.39).

É nessa dialogicidade que se assenta a essência de uma educação que liberte e que promova de fato a emancipação, sendo características fundamentais para que esta se concretize a colaboração, a união (solidária entre si, que implica em uma consciência do todo, de uma defesa da pluralidade de ser e existir no mundo), a organização e a síntese cultural que consiste na ação histórica como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante, fazendo da realidade objeto de sua análise crítica.

Uma das características do projeto reacionário de educação do atual governo federal é selar a sala de aula, como se ela fosse um ambiente fechado, onde a realidade de alunos e professores obrigatoriamente fique do lado de fora, e em sala se pratique apenas o “repasso de saberes”, ou seja, a transmissão mecânica de docente para discente, sem problematizar, nem contextualizar que é praticamente a definição de educação bancária de Paulo Freire, por isso este educador é tão atacado em tempos em que a escola tende a obedecer hierarquias, em vez de promover a autonomia intelectual do estudante.

O hibridismo e as teorias pós-estruturalistas incluem um olhar mais holístico e altero na prática pedagógica, que dialoga não apenas com as diferenças, mas com “as falas” já construídas e tidas como verdades absolutas.

Para Willians (2013),

Para desenvolver esses argumentos, os textos pós-estruturalistas não podem se restringir a uma visão ou metodologia científica. Ao invés

disso, abordam outros textos com relação à ciência, tais como obras da história da filosofia, obras de arte e obras literárias. O que se pretende é mostrar que há verdades diferentes dos fatos científicos. Tais verdades têm um papel a desempenhar com relação à ciência, por exemplo, mediante uma crítica de abordagens tecnológicas do mundo ou por alternativas à lógica dos métodos científicos (WILLIANS, 2013, p.35).

Por isso, se nada se cria, tudo se transforma. É preciso e urgente recriarmos nossos conceitos e adequá-los a novas possibilidades. Enquanto seres pensantes, podemos nos dar o luxo de sermos metamorfoses ambulantes e codificar e decodificar novas versões. A linguagem e a práxis são fundamentais para esta finalidade e o processo ensino aprendizagem vai muito além das aulas expositivas, das avaliações e do simples aprovado/reprovado. O termo práxis, diz respeito à ação ligada a uma teoria e ordenada por ela, isto é, uma maneira de compreender a realidade e a existência dos sujeitos no mundo por meio da relação entre teoria e prática, entre subjetividade e objetividade. De acordo com Vázquez (1990), “a práxis é uma atividade prática que se faz e se refaz, (...) o ato ou conjunto de atos em virtude dos quais o sujeito ativo (agente) modifica uma matéria prima dada”.

No caso da educação, segundo o autor supracitado, existe uma práxis política que reflete a postura, que pode ser ativa e participativa ou passiva, que tem base na cultura organizacional da escola, mas tanto o professor como o aluno podem ser incentivados a diferentes posturas. Já a práxis social implica na reação da comunidade escolar diante das aspirações econômicas, políticas e sociais que cada indivíduo carrega e que vai determinar os caminhos históricos que percorrerá, exigindo uma constante postura de reflexão sobre o que ele faz e como se faz.

Assim, a prática docente tem como base a reflexão-ação-reflexão. O professor tem sua ação bem definida e relaciona-se diretamente com os alunos e, conseqüentemente, com a sociedade, influenciando e sendo influenciado por eles. É essa ação conjunta

que pode e deve promover a mudança, que nada mais é do que tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade. Segundo Silva (2006), o pensamento marxista tem como base a vida como determinante da consciência. As experiências das classes trabalhadoras é que determinariam as bases do currículo de forma emancipatória. Nos últimos anos, os estudos sobre currículo ganharam maior complexidade. Não há como negar as conexões históricas na construção dos currículos escolares, as transformações no mundo do trabalho, a globalização, as diferentes ideologias. As revoluções científicas e tecnológicas devem ser consideradas como um corpo de um currículo sempre inovador e, principalmente voltado para a emancipação humana.

Na busca de uma dimensão política e diante dos caracteres instrumentais e técnicos do currículo, surgiram as teorias críticas e pós-críticas, que combateram a ideia de neutralidade do currículo, mostrando que há um caráter intencional em suas diferentes elaborações. Nesse contexto, o grande pensador da educação brasileira Paulo Freire teve um papel fundamental, pois se voltou para a educação popular e contribuiu significativamente com a teoria crítica do currículo. Para Freire (1987), a transformação da educação precisaria voltar-se para a emancipação do povo oprimido e representantes da massa popular. Sem dúvida, Freire inaugurou a pedagogia progressista. De acordo com Saviani (2008), as tendências progressistas tinham um caráter contra hegemônico e viam a educação como uma força de luta de classes que buscava a transformação da ordem social e econômica vigente na época. Segundo Libâneo (2003), essas tendências podem ser divididas em libertadora, libertária e histórico-crítica.

A pedagogia progressista libertadora foi iniciada por Paulo Freire, amparando os fins sociopolíticos da educação e problematizando a realidade vivida pelos estudantes, fazendo-os ter uma visão transformadora da sociedade. Essa pedagogia busca a transformação das instituições e não considera formas de poder ou autoridades. A partir dos anos de 1980, nasce a pedagogia progressista crítico social dos conteúdos, que concebe o ser humano

por meio do materialismo histórico-marxista, isto é, buscando a superação dos problemas cotidianos da prática social e, ao mesmo tempo, a emancipação intelectual do educando, considerado um ser concreto e inserido num contexto de relações sociais. Para tal, prioriza o ensino voltado ao domínio dos conteúdos científicos, com suas habilidades e raciocínios, como modo de formar uma consciência crítica diante da realidade social, instrumentalizando o educando como sujeito da história, apto a transformar a realidade social e a si próprio (LIBÂNEO, 2003).

As tendências teóricas de currículo pós críticas voltam-se para o multiculturalismo, nas relações de gênero e na pedagogia feminista, no pós-modernismo, no pós-estruturalismo, nos estudos culturais, entre outros aspectos que representam as diferentes faces sociais que precisam ser abordadas e contextualizadas no ambiente escolar. Cabe lembrar que já mencionava Michel Pêcheux: “Não há nada que não seja ideológico” (1995), por isso, a escola deve ser a ponte entre o conhecimento e os alunos, sem obstáculos que promovam qualquer tipo de exclusão. Paulo Freire argumentou “A escola será cada vez melhor, na medida em que cada ser se comporta como colega, como amigo, como irmão” (1987), sem fechar os olhos às artimanhas pós-estruturalistas, que presumem que muitos problemas já foram superados, e não é mais preciso lutar para saná-los. Todavia, a consciência nos traz a responsabilidade de rever ainda muitos conceitos atrelados a dominante e ainda vigorosa matriz europeia.

Sabemos que é o destino da maioria dos homens seguir o caminho que já foi aberto, usar ferramentas que já foram desenvolvidas, e pensar em termos que já foram pensados, todavia, reagir de forma mecânica ou pelo menos sem resistência não nos fará diferente dos que deixaram de impedir atrocidades ou mesmo fingiram não ver injustiças, não existe apenas um caminho, mas existe aquele que pode ser mais construtivo e florido para um número maior de pessoas, o individualismo exacerbado e o consumismo desenfreado que o capitalismo trouxe consigo nos deixou menos solidários e mais egoístas (os que seguem àquele caminho

determinado), no entanto, o poder da educação transformadora nos permite adentrar num novo patamar que permite nos reconectar com o que de fato é importante e a construção/reconstrução de alicerces mais humanos é um caminho permeado por encruzilhadas, mas que precisam ser percorridas, necessitam ser trilhadas por pessoas que ainda acreditam no poder da diversidade humana em todos os seus sons, tons, opiniões e dimensões.

O historiador Caio Prado Júnior discute em sua obra “A Formação do Brasil Contemporâneo” (1942) sobre a organização da produção, a estrutura patriarcal, a agricultura mercantil de alimentos, ou seja, problematiza os latifúndios, as monoculturas e o trabalho escravo, com vistas para o mercado externo, mantendo a continuidade do regime colonial, mas neste momento gerador de mais exclusão e causando um desequilíbrio ainda maior dentro da nação, visto que só a metrópole recebia os benefícios da mera acumulação mercantil de riquezas em detrimento da terra colonizada e faz um alerta, pois acredita que continuamos a seguir o caminho da colonização, pois “aprendemos” a ser dependentes da metrópole, que antes era Portugal, mas que hoje tomou proporções gigantescas, dependemos da China, da União Europeia, e em especial dos Estados Unidos da América. Se antes o trabalho era escravo, hoje é assalariado, e sabe-se que não condiz como determina a Constituição com uma vida digna, nossa dependência tomou contornos críticos num mundo globalizado por epidemias, crises econômicas, sociais, morais, enfim vivenciamos uma crise civilizatória, em que só a educação pode intervir de maneira permanente e eficaz.

Em seu livro “Casa Grande e Senzala” (1933), o escritor Gilberto Freyre enaltece a contribuição das diferentes etnias para a construção do país, e faz parecer que ela ocorreu de forma harmônica, tendendo a minimizar as atrocidades do período colonial e da escravidão. Vem deste mal fadado discurso “o mito da democracia racial” que em essência nunca existiu e serve como barreira física e psicológica para adentrarmos numa discussão mais profícua, profunda e necessária sobre o tema. Sem dúvida, a presença da escravidão negra foi um

fator de enriquecimento para os senhores de escravos e donos dos meios de produção, no entanto, comprometeu inúmeros outros setores, pois mesmo após a “abolição” os negros libertos continuaram escravizados pela falta de habitação, alimentação, saúde, e outros meios necessários e imprescindíveis para sua plena libertação. Vivemos neste momento uma crise igual, onde milhares de desempregados buscam sua liberdade (emancipação) através de uma carteira de trabalho assinada, mas continuam assolados pela mesma miséria dos nossos antepassados.

Minha dor é perceber que apesar de termos lutado contra ditaduras, crises das mais diversas, retrocedemos muito nos últimos anos, se antes dependíamos de Portugal, agora, dependemos do mundo (das vacinas chinesas ao oxigênio da Venezuela), importamos do básico às altas tecnologias. Com o real desvalorizado e, ainda pior, com o Banco Central indo para as mãos da iniciativa privada, a tendência é piorar, mais juros, mais inflação, e entre o dólar imperialista e o euro mercantil, padecemos. O papel que exercemos se volta novamente a colonialidade e a subalternidade, pois enquanto a educação, a ciência e a tecnologia não tiverem acento cativo nesta “bancada”, que hoje se assenta no Congresso Nacional como BBB (Boi, Bala e Bíblia) pouco poderá ser modificado e nossa servidão será eterna, por isso não podemos “acreditar” no mito da modernidade, nem do da pós-modernidade.

O livro “O encobrimento do Outro” (1492), de Enrique Dussel, traz inúmeras reflexões acerca desses temas e nos desvela que o “mito da modernidade” não passou de uma falácia onde se definiu que a cultura europeia era infinitamente superior e a indígena, ou a do Novo Mundo era bárbara, inferior, de forma que a guerra, a violência e toda sorte de sofrimentos sejam eles físicos, espirituais ou psicológicos poderiam ser exercidas pelo conquistador pois esta dominação era na verdade a “carta de emancipação” ao ser inferior, que ao se desenvolver conforme determina o status eurocêntrico se “moderniza”, se livra da inferioridade/menoridade a tal imaturidade citada por Kant, mas a que custo? Custaram vidas, sonhos, famílias,

templos religiosos latino-americanos, modos de vida, culturas que foram aniquiladas pouco a pouco pelo homem “colonizado”.

O mito da modernidade consiste em vitimar o inocente (o Outro) declarando-o causa culpável de sua própria vitimização e atribuindo ao sujeito moderno plena inocência, o sofrimento do colonizado é o sacrifício/custo necessário da modernização. E a pós-modernidade já não discute este passado que ainda é vigente, porque não deseja dar luz a outros protagonistas, não permite que se conte a história dos oprimidos, mas precisamos acender a luz do conhecimento, que nos fará menos modernos, mas mais humanizados.

É preciso aqui salientar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) esvazia disciplinas como História e Geografia, que ficam diluídas numa área do ensino médio e retrocede também, ao reduzir a carga horária já na formação do docente (licenciatura) disciplinas como História Antiga, Sociologia e Antropologia são bastante afetadas, demonstrando a falta de comprometimento com o ensino de qualidade já na formação dos futuros professores. Sem dúvida, o pós estruturalismo atua como uma cortina de fumaça, encobrendo nossa percepção de conjunto, de todo pois fragmenta os saberes, e este reducionismo não consegue se articular de maneira profícua, e operar com toda sua força na luta contra o opressor, que é a dominação, essa superestrutura ideológica e política que se usurpa da escola, das instituições e das mentalidades para continuar seu progresso capital e desigual, em detrimento do massacre multifatorial o qual subjuga as forças produtivas e não alienadas, que insistem, persistem e não desistem de traçar suas lutas no interior da sociedade que muitas vezes perdeu a motivação de lutar. Recai na educação este despertar, depende do fazer consciente e intencional do professor esta conquista equitativa de direitos e sua efetivação plena.

Plano de Aula	
Instituição: Colégio Estadual Monsenhor Eduardo – Ensino Fundamental e Médio.	
Endereço da escola: Av. Padre Achiles Saporeti, 207. Bairro: Klubegi, Palmas – PR.	
Área de conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas Disciplina: História/ Temas Transversais	Série: 2º Ano - Ensino Médio
Docente: Rubia Karla Sabei	
Data de aplicação da regência: 22/09/2021 e 29/09/2021	Número de aulas: 4 horas/aula.
Área do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais aplicadas. Competência específica: 5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. Tema: O racismo e seus ecos na atualidade.	
Habilidade da BNCC: EM13CHS502.	
Descrição da habilidade: Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas, etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.	
Parte 1: INTRODUÇÃO (CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO): A aula tem início com um feedback da aula anterior que versava sobre os grandes personagens negros “escondidos” pela História, e como o racismo “aparentemente superado” precisa ser discutido. É escrita no quadro a frase chave da aula: “Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o ser social que lhe determina a consciência” de Karl	

Marx. Faz-se então a distribuição de uma cópia da letra da música Racismo É Burrice, do cantor Gabriel O Pensador para cada um dos alunos; na sequência será passado um videoclipe com a participação dos Detonautas que alertam sobre o racismo estrutural: <https://www.youtube.com/watch?v=wH1HEhdrK10>. (*10 minutos).

Depois de assistirem ao vídeo, será questionado e debatido com os alunos: 1) O que o clipe tem a ver com a frase de Marx? (Somos o resultado da sociedade que vivemos e as concepções que temos são os reflexos do mundo em que vivemos), 2) O que significa racismo estrutural? 3) Qual a justificativa para o racismo no Brasil? 4) Por que o racismo é burrice? 5) Qual o papel da escola e de cada um para resolver este problema? (*10 minutos).

Parte 2: DESENVOLVIMENTO (CONCEITUALIZAÇÃO):

Após essa breve introdução ao tema é projetado um documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq>. E, que enfatiza em alguns minutos, as respostas para as questões anteriores e de maneira bastante lúdica e didática, demonstra o quanto os negros foram marginalizados ao longo da história do Brasil, e como isso se refletiu em aspectos como educação, moradia, acesso ao trabalho e renda, além, de discutir sobre a violência praticada continuamente contra sua cultura e identidade. (*10 minutos).

O vídeo é problematizado com os alunos, de forma que fique bastante claro que a exclusão foi um processo histórico e o ser humano tem apenas um DNA, portanto, a diferença de cor não se traduz em nenhum benefício ou prejuízo. (*10 minutos).

É escrito no quadro de giz a lei penal que configura o racismo como crime imprescritível e inafiançável: Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa. Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. Se faz a leitura primeiramente por um discente, e depois é feita uma segunda leitura pelo professor que explica as diferenças entre os crimes de racismo e injúria

racial, e o que são os Direitos Humanos, como eles se estendem e como reivindicá-los (*15 minutos).

Parte 3: CONCLUSÃO (AVALIAÇÃO):

Os alunos deverão escrever um texto dissertativo de dez a vinte linhas sobre um dos temas:

1 – É importante a existência de cotas para negros nas universidades e em concursos públicos? Por que?

2 – Em quais aspectos (educação, saúde, trabalho e renda, ou outros) a exclusão dos negros foi mais acentuada?

3 – O que os governos podem fazer para diminuir o abismo entre brancos e negros no tocante às injustiças sociais?

4 – Por que muitos dizem que no Brasil não existe racismo?

5 – Quais as ações podem ser realizadas para diminuir a violência contra jovens negros no país?

6 - Tema livre (o/a aluno/a escolhe um tema). (*20 minutos).

É solicitado a cada aluno que justifique em poucas palavras o tema escolhido e se faz uma tabela no quadro, ao final tem-se o tema/os temas mais abordados. É realizada uma pequena explanação do professor acerca da importância de se discutir estes temas, que apesar de tão “batidos” e reiteradamente dialogados, ainda não foram superados e continuam a representar um grande entrave nas relações sociais, políticas e econômicas. Os alunos são convidados a refletir que apesar das leis, é preciso um esforço individual e coletivo de união de forças para enfrentar essa herança patriarcal, colonial e desumana. (*25 minutos).

Ao final é mostrado o trailer do documentário AmarElo – É tudo pra ontem, que versa sobre o conteúdo ministrado, e de autoria do artista Emicida disponível na Netflix: <https://www.youtube.com/watch?v=Yk2pofFDcho> para que os alunos sejam instigados a reflexão, pois este será tema da próxima aula, sendo exibido aos alunos, e posteriormente discutido no formato de mesa redonda, onde como avaliação final os alunos deverão realizar um podcast (individual ou em grupos de até três alunos) de 3 a 5 minutos, sobre a necessidade de uma maior representatividade negra em todos os setores, e deve contar com

a participação de alguém que seja protagonista na comunidade em que os alunos vivem.

A avaliação é um processo contínuo e permanente. E ocorrerá ao longo das aulas. Serão utilizados quatro instrumentos avaliativos:

1-Observação da participação ativa dos alunos, registradas pelo professor durante a introdução da aula;

2-É avaliado a argumentação dos alunos durante a explanação que fazem de seus textos, que devem apresentar relação com o tema, clareza e objetividade;

3-Serão avaliados os relatos, experiências e demais reflexões individuais e coletivas durante a mesa redonda;

4-Será avaliado a confecção do podcast que deverá atender ao tema proposto,

O desempenho será satisfatório se houver participação efetiva, registrada pelo professor e o aluno tiver atendido bom rendimento em seu texto e durante sua explanação durante a mesa redonda. O podcast deverá refletir a proposta. Caso não atenda o desempenho esperado, o aluno deverá fazer a recuperação que consiste em produzir um texto que discorra sobre os pontos principais abordados durante as aulas.

RECURSOS DIDÁTICOS:

1. Notebook;
2. Data Show;
3. Letra da música xerocada;
4. Quadro e giz;
5. Pen drive com a gravação dos vídeos utilizados.

REFERÊNCIAS:

ALVES, A. P. *História da África*. Maringá: Unicesumar, 2016.
BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação/MEC: 2017. Disponível em: <http://basenacional.comum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_emb_aixa_site_110518.pdf>. Acesso em:06/06/2021.

CHALHOUB, S. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas de escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Acesso em: 08 fev. 2021.

MEN, K. E. *História e Cultura Brasileira*. Maringá: Unicesumar, 2019.

Vídeos utilizados:

<https://www.youtube.com/watch?v=wH1HEhdrK10>

<https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E>

<https://www.youtube.com/watch?v=Yk2pofFDcho>

Referências

BRASIL. Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis 7.716, de 05 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/Lei/L12288.htm Acesso em: 05/06/2021.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BIZIAK, J. dos S. *Teorias Pós-estruturalistas dos hibridismos de linguagem*. 07 de maio de 2021. Notas de Aula.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, J. C. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 2003.

GOMES, N. L. *Diversidade cultural, currículo e questão racial*. Desafios para a prática pedagógica. In: ABRAMOWICZ, A., BARBOSA, M. de A. e SILVÉRIO, V. R. (Orgs). *Educação como prática da diferença*. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

MUNANGA, K. *Superando o Racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1995.
- PIOVESAN, F. *Temas de Direitos Humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- RAMOS, A. de C. *Curso de Direitos Humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 2. Ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. Trad. Luiz F. Cardoso. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- WILLIAMS, J. *O que é Pós-estruturalismo*. Petrópolis, RJ, 2013.

Posfácio

Pontes: levando o hibridismo enquanto prática pós-estruturalista para a sala de aula chega ao seu segundo volume, o que torna mais aprazível e esperançoso o pensar e o fazer em sala de aula, uma vez que é na escola, na lida cotidiana do fazer pedagógico que a docência se apresenta como ato político, revolucionário e, portanto, transformador.

É quase que unânime, dentre os profissionais progressistas que trabalham com a Educação, que ela é a chave para construção de uma sociedade justa, equânime, inclusiva e democrática, mas sabemos que a efetivação desses pressupostos se dá de maneira conflituosa em função do embate entre o pensamento progressista e o tradicional. Esse processo requer de seus profissionais, especialmente dos professores, um entendimento profundo sobre o seu papel e, acima de tudo, que se reconheçam como sujeitos capazes de transformar a realidade.

Desse modo, é importante ressaltar que uma sólida formação inicial e continuada, associada à participação nas lutas democráticas, auxilia professores e professoras a construir a sua identidade docente, mas é na sala de aula, na atuação didático-pedagógica, que a docência se faz, pois aquele lugar precisa ser o espaço onde se constroem novos sentidos e significados.

Na sala de aula se ensina que as diferentes identidades são legítimas e devem ser respeitadas, que as diferentes culturas e religiões precisam ocupar espaços de poder e ter garantido o direito de se manifestar.

Na sala de aula se aprende que as diferenças não podem gerar desigualdade e é naquele espaço que a leitura de um texto pode ser um ato revolucionário à medida que possibilita a compreensão do que se lê.

É na sala de aula que todos, todas e todes se empoderam e entendem a necessidade de lutar por respeito, dignidade e fazer valer os seus direitos, é naquele espaço que se ensina e se aprende a combater todas as formas de violência e discriminação.

E como se ensina? Essa é uma pergunta respondida de forma majestosa pelo livro *Pontes 2*, pois, os autores reconheceram e efetivaram, especialmente em seus planos de aula, que não há prática pedagógica dissociada de uma teoria, demonstraram que Pontes entre teoria e prática são possíveis, e o mais bonito nesse caso, trazem a organização de uma prática fundamentada em pressupostos teóricos progressistas, ou de acordo com Silva¹ (1999) pós-críticos. Enfim, *Pontes 2* reafirma, nas palavras de Geraldi² (2015) a aula como acontecimento, e acima de tudo, a sala de aula como um espaço intrigante.

Ma. Giane Fregolente
Centro Universitário Moura Lacerda – Ribeirão Preto/SP

¹ SILVA, T.T. *Documentos de identidade*. Uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

² GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores. 2015

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

(segundo os próprios autores e suas formas de inscrição...)

ANDREY DE CAMPOS

Possui formação em Química pelo centro estadual de ensino profissionalizante Manoel Moreira Pena, Licenciado em Química e pós-graduando em Linguagens Híbridas e Educação pelo Instituto Federal do Paraná.

ELIANE MARIA DE GÓES ALVES

Formação Letras Português- Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná- UNICS. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas-CELER Pós-graduanda em Linguagens Híbridas e Educação pelo Instituto Federal do Paraná- Campus Palmas.

GISELE APARECIDA DA ROCHA

Licenciada em Letras Português Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – 2016. Acadêmica da Especialização em Linguagens Híbridas e Educação- Instituto Federal do Paraná-2020. Acadêmica do curso de Psicologia na Universidade de Pato Branco – 2021. Professora de Língua portuguesa e Língua inglesa – Ensino Fundamental I e II- Colégio Hercílio Boeno de Camargo – HBC.

ILDA APARECIDA MÜLLER

Nascida em Mangueirinha, Paraná. Graduada em Pedagogia no ano de 2018 pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas. Possui Pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva, pela Faculdade Unina. Atualmente, estudante no curso de Especialização em Linguagens Híbridas e Educação, pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR - Campus Palmas. Aguardando chamada

no concurso público de Pedagogia. Atualmente contribui como Serviços Gerais na Escola Municipal São Francisco de Assis, localizada em Mangueirinha – Paraná.

JUSSIANI MARQUEZOTTI RAMOS

Formada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como professora, no ensino fundamental e médio, pelo estado do Paraná, entre 2014 e 2017. Atualmente é estudante de Farmácia e da especialização Linguagens Híbridas e Educação, pelo Instituto Federal do Paraná, campus Palmas.

MÔNICA SEPANSCKI GARCIA

Graduada em Pedagogia pela instituição de ensino FADEP-Faculdade de Pato Branco- PR no ano de 2017. Pós- Graduação Lato Sensu EJA-Educação de Jovens e Adultos e em Alfabetização e Letramento, ambas pela Faculdade de Educação São Luís FESL-Jaboticabal (2017-2018). Atualmente estudante do Curso de Especialização em Linguagens Híbridas e Educação no Instituto Federal do Paraná- Campus Palmas. Professora no município de Mariópolis desde 2017.

PATRICIA ESTEPHANE

Possui Ensino Profissional de nível técnico em Formação de Docentes pelo Colégio Estadual João XXIII (2011). Graduada em Pedagogia pelo Instituto Federal do Paraná (2017). Participou como bolsista do PIBID (2014-2017). Especialista em Educação: Educação e Prática de Ensino pelo Instituto Federal Catarinense (2018). Acadêmica no curso de Pós-graduação em Linguagens Híbridas e educação (2020) pelo Instituto Federal do Paraná.

RUBIA KARLA SABEI

Nascida em 23/04/1977 na cidade de Curitiba/PR. Formada em Magistério (1995) pelo Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto – Curitiba/PR; Graduada em Medicina Veterinária (2010) pela Universidade Estadual do Centro Oeste

(UNICENTRO); Em 2012 é licenciada e graduada pela Unicentro em Ciências Biológicas; Pós graduada em Saúde Pública (2016) pela Unopar/PR; Pós graduada em Gestão, Licenciamento e Auditoria Ambiental (2016) pela Unopar/PR; Pós graduada em Políticas Públicas (2018) pela Faculdade São Braz, Curitiba/PR; Pós graduada em Educação Ambiental (2018) pela Faculdade São Braz, Curitiba/PR; Pós graduada em Educação do Campo (2019) pela Faculdade São Braz, Curitiba/PR; Graduada em Tecnologia em Gestão Pública (2020) pela UNICENTRO; Graduada em Licenciatura em História (2021) pela Unicesumar/PR; Atualmente, pós-graduanda no curso de especialização em Linguagens Híbridas e Educação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) – Campus Palmas, e cursando Direito na mesma instituição. Iniciou suas atividades em 1998 como professora de educação infantil, atuou como socioeducadora, professora na Aldeia Indígena Marrecas em Turvo/PR, como veterinária autônoma, e servidora pública por oito anos em Bituruna/PR na área de Vigilância Sanitária. Tem três filhos (Fernanda, Gustavo e Guilherme), e seu sonho é abraçar uma preguiça (*Bradypus variegatus*).

Neste volume, estão alguns dos escritos desenvolvidos por estudantes do curso de Pós-graduação Lato Senso Linguagens Híbridas e Educação, do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas. Os autores debruçaram-se sobre questões discursivas e tentaram elaborar produtos educacionais que trouxessem uma reflexão crítica e discursiva sobre a língua como fundamento para o trabalho com conteúdos e componentes curriculares (assim como níveis de ensino) vários. É a partir dessa proposta de leitura que tais trabalhos aqui reunidos devem ser lidos. Ainda assim, não se engane, o melhor está por vir e espera por nós nas próximas páginas.

